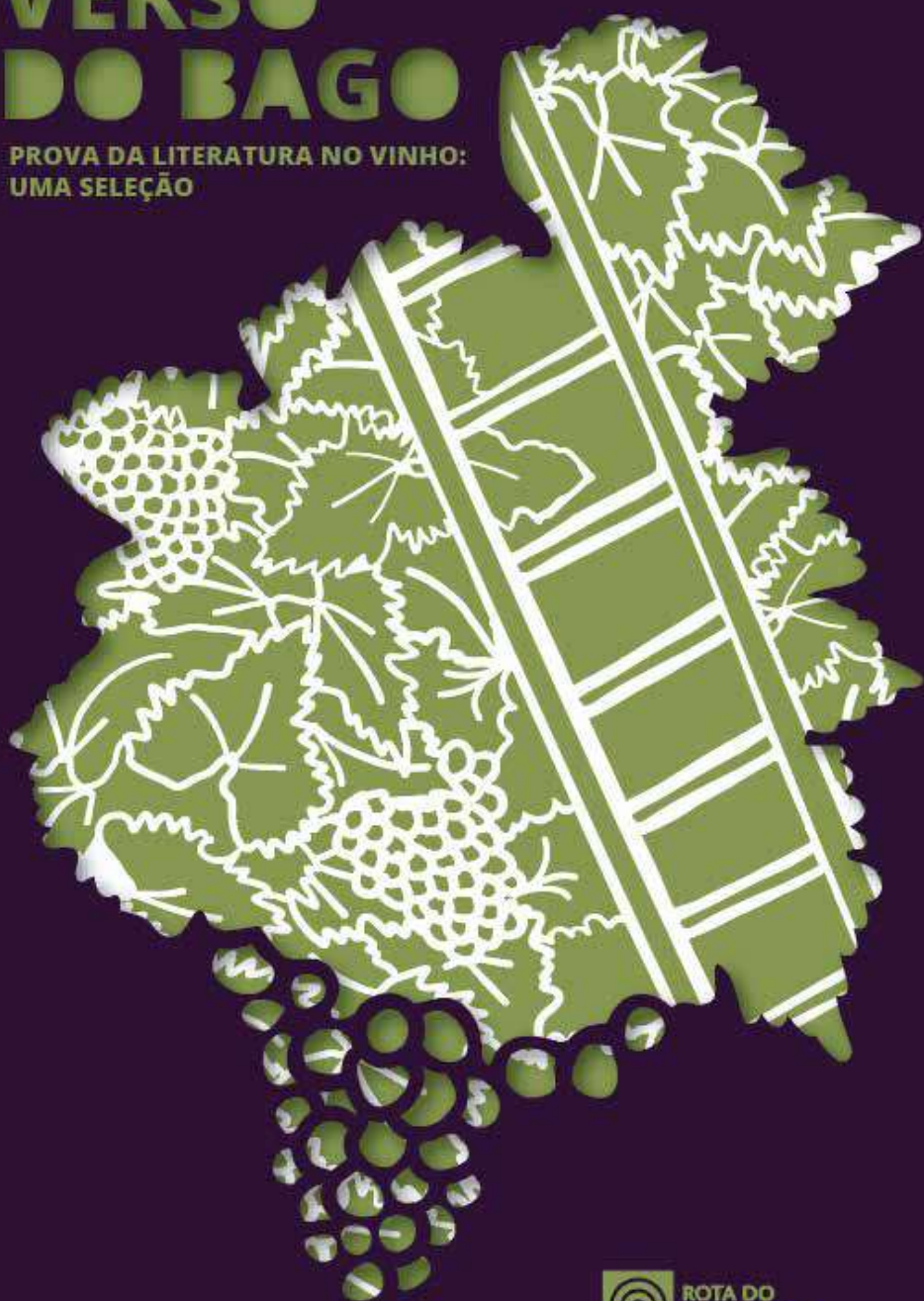


VERSO DO BAGO

PROVA DA LITERATURA NO VINHO:
UMA SELEÇÃO



ROTA DO
ROMÂNICO



VERSO DO BAGO

PROVA DO VINHO NA LITERATURA:
UMA SELEÇÃO



ROTA DO
ROMÂNICO

04	VERSO DO BAGO LUÍS MONTEIRO
06	À VINDIMEIRA PAULO BRÁS E BAIRRO DOS LIVROS
10	O BERÇO, O LAGAR E A COVA MÁRIO CLÁUDIO



**BRINDEMOS COM VINHO
DA SALIVA TUA**

19	ALCEU DE MITILENE, "O INVERNO", RECRIAÇÃO DE ALMEIDA GARRETT
22	HORÁCIO, "ARTE POÉTICA OU EPÍSTOLA AOS PISÕES", TRADUÇÃO DE MARQUESA DE ALORNA
23	PERO DA PONTE, "[QUEM A SESTA QUISER DORMIR]"
25	GIL VICENTE, "PRANTO DE MARIA PARDA"
26	MANOEL DO VALLE ET AL., FESTAS BACCHANAES
27	PIERRE-FULCRAND DE ROSSET, "DAS VINHAS", TRADUÇÃO DE BOCAGE
28	CAMILO CASTELO BRANCO, LÁGRIMAS ABENÇOADAS
30	EÇA DE QUEIROZ, A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
31	ANTÓNIO NOBRE, "[O MEU BELICHE É TAL-QUAL]"
34	ANTÓNIO BOTTO, "[BENDITO SEJAS]"
	MIGUEL TORGA, VINDIMA
	AL BERTO, "ERAS NOVO AINDA"
	SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, A MENINA DO MAR
	MANUEL ALEGRE, "ESTOU TRISTE"
	ANTÓNIO PEDRO RIBEIRO, "RESSACA"
	MAZE, "MARGENS DO DOURO"
	ALBERTO DE SOUSA COSTA, MILAGRES DE PORTUGAL
	NATÁLIA CORREIA, "CRISTO-BÁQUICO"
	RENATO FILIPE CARDOSO, "[O HOMEM CAIU AO LAGAR]"
	MARGARIDA VALE DE GATO, "ÁLCOOL"
	RAFAELA JACINTO, "A LUA ALUMIA MAS NÃO AQUECE"
	YARA NAKAHANDA MONTEIRO, "A PALAVRA NO CO(R)PO"

E TEM LÁ DENTRO ALEGRIA

39	ALCEU DE MITILENE, "O INVERNO", RECRIAÇÃO DE ALMEIDA GARRETT
40	HORÁCIO, "ARTE POÉTICA OU EPÍSTOLA AOS PISÕES", TRADUÇÃO DE MARQUESA DE ALORNA
42	PERO DA PONTE, "[QUEM A SESTA QUISER DORMIR]"
43	GIL VICENTE, "PRANTO DE MARIA PARDA"
45	MANOEL DO VALLE ET AL., FESTAS BACCHANAES
47	PIERRE-FULCRAND DE ROSSET, "DAS VINHAS", TRADUÇÃO DE BOCAGE
49	CAMILO CASTELO BRANCO, LÁGRIMAS ABENÇOADAS
51	EÇA DE QUEIROZ, A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
53	ANTÓNIO NOBRE, "[O MEU BELICHE É TAL-QUAL]"

POR ISSO AS VOZES CANTAM

55	ANA DE CASTRO OSÓRIO, QUATRO NOVELAS
59	MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, "ÁLCOOL"
60	ANTÓNIO BOTTO, "[BENDITO SEJAS]"
62	MIGUEL TORGA, VINDIMA
66	AL BERTO, "ERAS NOVO AINDA"
67	SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, A MENINA DO MAR
69	MANUEL ALEGRE, "ESTOU TRISTE"
70	ANTÓNIO PEDRO RIBEIRO, "RESSACA"
71	MAZE, "MARGENS DO DOURO"
74	ANTERO DE QUENTAL, "A IDEIA"
75	CAMILO PESSANHA, "CAMINHO"
76	ÁLVARO DE CAMPOS, "CARRY NATION"
78	TEIXEIRA DE PASCOAES, "BANCO DE PEDRA"
80	ALBERTO DE SOUSA COSTA, MILAGRES DE PORTUGAL
84	NATÁLIA CORREIA, "CRISTO-BÁQUICO"
86	RENATO FILIPE CARDOSO, "[O HOMEM CAIU AO LAGAR]"
87	MARGARIDA VALE DE GATO, "ÁLCOOL"
88	RAFAELA JACINTO, "A LUA ALUMIA MAS NÃO AQUECE"
92	YARA NAKAHANDA MONTEIRO, "A PALAVRA NO CO(R)PO"

VERSO DO BAGO

LUÍS MONTEIRO
SECRETÁRIO-GERAL DA VALSOUSA

A obra *Verso do Bago. Prova do Vinho na Literatura: uma seleção*, que aqui apresentamos, fecha com chave de ouro um profícuo projeto cultural, iniciado no ano de 2020.

Um projeto promovido pela Rota do Românico que, sob o lema *Ver do Bago*, um brinde entre Deus e os Homens, procurou enaltecer uma das maiores marcas identitárias dos vales do Sousa, Douro e Tâmega – o vinho verde –, através do recurso a uma narrativa histórica e artística, materializada num ciclo de três exposições temáticas e num conjunto alargado de iniciativas culturais complementares, no domínio da música, da dança e da performance.

O *Verso do Bago* acrescenta a esta equação um ingrediente já aflorado nas citadas exposições, a literatura. Uma proposta original no panorama editorial português, que evoca as referências ao património vinícola, nas suas múltiplas idiossincrasias, presentes nas obras de alguns dos mais notáveis autores nacionais: de Gil Vicente a Natália Correia, passando, entre outros, por Camões, Garrett, Quental, Camilo, Pessoa, Torga e Sophia, sem esquecer os nomes de Eça de Queiroz, António Nobre e Teixeira de Pascoaes, com uma forte ligação biográfica e literária ao atual território da Rota do Românico.

Com a inconfundível ilustração da Clara Não, esta antologia reúne trinta e oito textos (poesia e prosa), incluindo sete inéditos de promissores autores contemporâneos, com prefácio de Mário Cláudio, que muito nos honra.

Neste “lavar dos cestos”, não poderíamos deixar de agradecer a dedicação que a equipa do Bairro dos Livros emprestou ao projeto *Ver do Bago*, numa conjuntura marcada pelos fortes desafios colocados pela pandemia.

Por último, brindemos o sucesso do projeto com um copo de vinho, pois, como escreveu Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, em 1873, “... constantemente penso nas belas estradas do Minho, nas aldeolas brancas e frias – e frias! – no bom vinho verde que eleva a alma...”.

À VINDIMEIRA

PAULO BRÁS
E BAIRRO DOS LIVROS

Há na *Mensagem*, de Fernando Pessoa, um poema com uma imagem em particular que sempre achámos invejável, a descrição de D. Dinis como “O plantador de naus a haver”. Ora, a metáfora desmonta-se facilmente: o rei mandou plantar árvores que um dia seriam usadas como madeira para construir barcos; a poesia vem, não da dificuldade de leitura, mas do facto de todo este processo se encontrar sintetizado numa única expressão. Não resistimos a roubar a Pessoa essa imagem e dizer nós o mesmo sobre “A Vindimeira”, figura a quem gostaríamos de dedicar esta antologia: ela é, sem dúvida, a colhedora de poemas a haver, juntando-os na sua cesta – essa mesma que Ursula K. Le Guin propõe como a primeira ferramenta cultural. Porque, de facto, o vinho tem sido usado continuamente ao longo da tradição literária portuguesa, tanto de formas mais literais (através do ato de beber, em excesso ou com contenção), como de formas mais metafóricas (por caminhos quer mais sacros, quer mais profanos). Isso não aconteceria sem o trabalho árduo das que foram e continuam a ser musas sem o saber – e também poetas, quando trabalham a cantar –, colhendo o verso do bago.

O que esta recolha procura fazer, sem pretensões a uma compilação absoluta das incontáveis referências ao vinho nas obras dos nossos escritores, é permitir uma leitura ampla da diversidade e riqueza de abordagens ao tema. É também por isso que tivemos o cuidado de integrar alguns nomes bem reconhecíveis da literatura portuguesa que, no entanto, reservam algumas surpresas a quem beber desta antologia. Não é inocente que Fernando Pessoa ou Natália Correia nos surjam aqui com textos dedicados ao sagrado,

ao invés de nos respetivos botequins. Ou que uma obra como o *Cântico dos Cânticos* esteja junto não dos poemas com motivos religiosos, mas dos mais ousados. Não é inocente que dentro do grupo dos poemas mais eróticos, que provavelmente alguns leriam apenas do ponto de vista da sensualidade feminina, estejam também alguns homens. Não é inocente que tenhamos decidido incluir o que poucos esperariam encontrar numa antologia sobre o vinho: um excerto de literatura infantil. Não é inocente, de resto, que tenhamos feito questão de incluir um número considerável de vozes no feminino sobre este tema. Como todas as escolhas, estas falam também necessariamente sobre o que deixam de fora.

Queremos, talvez como o próprio vinho, embriagá-los, desorientá-los, tirar-lhes o chão. E tudo isto numa breve antologia de leitura acessível e que poderia muito bem, tal como as estações e o ciclo de cultivo da uva, sofrer um processo de constante atualização, como prova a pequena seleção de inéditos de autoria contemporânea com que escolhemos encerrar cada uma das três partes. Que nos sirva para celebrarmos esse passado, bebermos a nossa cultura e continuarmos a cantá-la em novos versos – sem bago não há futuro.



O BERÇO, O LAGAR E A COVA

MÁRIO CLÁUDIO

As minhas mães do Norte, ao passar por açúcar e verde tinto a chucha de trapo das crias, obedeciam a um ritual em que se imbricavam infância e vide. E, mais do que isso, recapitulavam a trilogia em que iria decorrer a existência daqueles que tinham parido, balizada por berço e cova, e matando a sede no inexaurível lagar. Daí que na reminiscência dos adultos futuros, fossem eles dados a criptomnésias, pendor que não constitui exclusivo de letrados, se experimentasse esse nó, simultaneamente apelativo da ternura materna, a exaltar as vindimas, e transido pelo pânico da morte, contido no caroço de toda a festa vital.

•

As vozes reunidas neste volume, provenientes de espaço e tempo diversificados, declinam esta mágica que, sendo de interesse globalmente literário, aflora em particular na poesia. O “vinho mano”, de Gil Vicente, coincide com “os cachos, e o calor (que) bem cedo / há-de pintar-lhes as duvidosas cores”, e aos quais Manuel Maria Barbosa du Bocage se refere, mediante a sombra que propiciam ao menino que a progenitora deixou ali, a fim de acorrer à canseira da colheita. São os fecundadores “vinhos de família”, assim rotulados por Eça de Queirós, que atenuarão o medo do filho embarcado, quando se chama António Nobre, e nos confessa, viajando num símile da alcofa primordial, “Uivam os Ventos! Fumo, bebo vinho. // O Vapor treme! Abraço a Bíblia aos ais...”

Precedendo o berço, e profetizando o lagar, a infusa sabedoria do *Cântico dos Cânticos*, de Salomão, apreende o “umbigo” que é “taça”, “por onde a gente costuma / beber as bebidas finas”.

•

O lagar implanta-se como tonificante *locus salus*, “se vinho gaar d’alguém / (e) ali lho esfriarem bem”, conforme ao que receita Pero da Ponte. E nele se enceta o percurso para “libar sem pudor tonéis de vinho”, de harmonia com o que nos recorda a Marquesa de Alorna, barroca anunciadora dos românticos.

Ventre do amor aventureiro, lá se esmagam as uvas que Al Berto pagaria, vertidas enfim no copo, entre “o pão e o queijo”. “Bebemos cada um do mesmo vinho”, observara já Camilo Pessanha, não tardando a que Pessoa aludisse ao “vinho forte dos bêbedos”. “Brindemos com vinho da saliva sua”, convidar-nos-ia Al Mutanabbi, ou com essa “coisa da terra” que Sophia de Mello Breyner Andresen admira porque “é bonita e tem lá dentro alegria”, promanando de bagos que se pisam em “grandes tanques de pedra”. “A quermesse palpita de movimento”, relata Alberto de Sousa Costa, ecoando o que pressentira o mencionado Bocage, que “fuma, ruge o licor, e sobe, e ferve”, e eis que “o vinho aquece, quebra às leis o freio / e lhe é grata a soltura da linguagem”, como se atrevera a desvendar a dita Dona Maria Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, contemporânea que fora dos ilustres libertinos.

Propaga-se então “um cheiro que se não pode descrever, ao mesmo tempo viril e voluptuoso”, lembra Miguel Torga, que “emana do chão, das paredes, das vasilhas, e dos próprios malhais que lhe servem de trono”. “Com mil refrescos e manjares, / com vinhos odoríferos e rosas”, esperam eternamente por nós as camoneanas “Ninfas amorosas” em seus “cristalinos paços singulares”, em “fermosos leitões, e elas mais formosas”. “Divino vinho de Falerno”, o que Florbela Espanca homenagearia, ou simples “vinha em vinho”, o que mais apetece a Eugénio de Andrade, é sempre o “vinho solto”, de Maria Teresa Horta, que se prova, “para se ficar bêbedo” como deseja Jorge de Sousa Braga.

•

Mas tudo se redime, e será surpreendentemente Natália Correia a confrontar-nos com isso, porque “ele era o pão. E era o vinho. / Porque era a taça servindo o sangue / que lhe batia no coração.”

No fundo da malga Baco cede o seu posto a Hades, o mais odioso dos deuses, escoltado pelo cão das três cabeças. É quando o arrependido que Ana de Castro Osório conduz aos autos não oculta o quanto detesta “entranhadamente /, sagradamente, o vinho”. “Ter o vinho por amante / e a morte por companheira”, tal será o destino dos que com António Botto aspiram à infinitude do orgasmo, tristes *post-coitum* como os espreitou o bispo de Hipona.

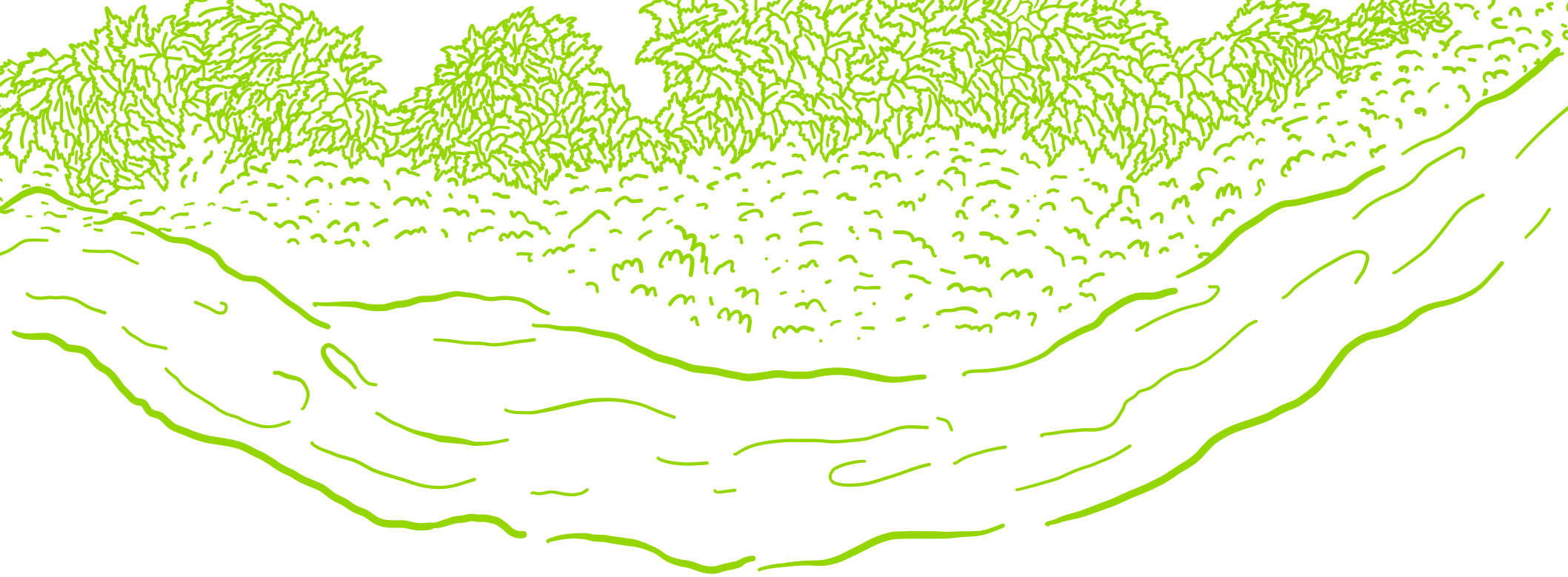
Diante do lagar dos lagares imobiliza-se Al Berto de novo, “sentado passeando os dedos / pelas nódoas frescas de vinho sobre a mesa o caderno / onde de vez em quando rabiscava um rosto / e listas de nomes que não queria esquecer”.

•

Alternativa ao carrascão dos defuntos, e traição à linfa amniótica, urge mostrar a esta, proclama Almeida Garrett, “duas vezes / vinho / a transbordar”. Desculpa-se entretanto Judith Teixeira com esta confiança, “Matei! Matei o amor / na febre dos meus beijos / E do seu carinho / na ânsia de o vencer / afoguei-o em vinho.”

Exorcizando porém o esquecimento, Manuel Alegre estatui, “Minha tristeza é mais pura / não se esconde no vinho não se esconde.” E assim se retorna da cova ao berço, e se volta ao coro do lagar.





BRINDEMOS COM VINHO DA SALIVA TUA





CÂNTICO DOS CÂNTICOS

[A Lobo de Moura]
Para os corações puros tudo é puro.
S. Paulo a Tito

SALOMÃO

[...]

O teu andar, que nobreza!
E tem o pé uma graça
Assim calçado, princesa!

Os joelhos, que perfeitos!
Não há ourives que faça
Eixos de ouro mais bem feitos.

Umbigo, qual é a taça,
Destas taças pequeninas
Por onde a gente costuma
Beber as bebidas finas,
Tão redondinha? Nenhuma.

É o ventre de tal modo
Casto e fecundo, que apenas
Um monte de trigo todo
Rodeado de açucenas
Me parece haver no mundo
Assim tão casto e fecundo.

O teu seio é um casal
De corcinhas, que o seu pasto
São açucenas do vale:
Nada mais tímido e casto!

Lembra-me o pescoço a mim,
Uma torre de marfim
E os olhos, esses então
Os dois lagos de Hesebão!

Vês a torre que aparece
Lá no Líbano e que diz
Para Damaso: parece
Mais airoso o teu nariz.

A cabeça vê-la toda
Por cima das mais é belo,
Como a serra do Carmelo
Toda colinas à roda.

O cabelo é tal e qual
Um grande manto real!
É tudo uma perfeição,
Amada do coração!

Ver-te é ver uma parreira
Armada numa palmeira;
E lá em cima os teus peitos,
No tamanho e no feitio,
Dois cachos de uvas perfeitos
Que a parreira produziu.
E eu disse desta maneira:
Dois cachos de uvas tão belos
Hei-de ir lá cima colhê-los;
Que bem se vê que a doçura
Corresponde à formosura:
E que a tua boca é pura
E a respiração é sã
Como o cheiro da maçã
Quando se apanha madura!

SULAMITE
Como é suave e me encanta
O que me estás a dizer!
A voz da tua garganta
Embebeda como o vinho,
Desse que a doçura é tanta
Que se costuma beber
Aos sorvos, devagarinho!

És só meu e eu também
Sou tua, de mais ninguém!
Anda com a tua amada
Morar para o campo, amor!
Iremos de madrugada,

Logo ao romper da manhã
Em se a gente levantando,
Ver se a vinha já tem flor,
Se está em flor a romã
E se o fruto vai vingando.
Ali é que eu hei-de então
Abrir-te o meu coração!

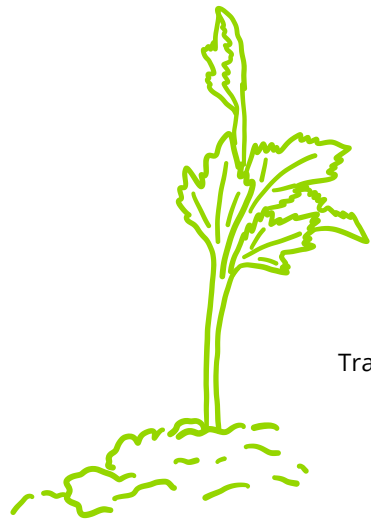
[...]

Verás como te hei-de dar
De um vinho delicioso
E de um licor precioso,
De romã, que hás-de gostar.

Tradução de João de Deus
(1830 - 1896)

Al-Mutamid
(1040 - 1095)

tirou a alvorada as vestes da escuridão
e ela a minha mágoa com a sua mão.
brindemos com vinho da saliva sua
cor daquela face triste como a lua.



Tradução de Adalberto Alves
(n.1939)

OS LUSÍADAS - CANTO IX

Luís de Camões
(1524 - 1580)

[...]

41

Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitões, e elas mais fermosas,
Enfim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

[...]

56

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co'os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

[...]

59

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;

Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
 E vós, se na vossa árvore fecunda,
 Peras piramidais, viver quiserdes,
 Entregai-vos ao dano que, co'os bicos,
 Em vós fazem os pássaros inicos.

[...]

83
 Oh! Que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro que soava!
 Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passam na manhã e na sesta,
 Que Vénus com prazeres inflamava,
 Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo,
 Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

O NOSSO MUNDO

Florbela Espanca

(1894 - 1930)

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos
 Como um divino vinho de Falerno!
 Pousando em ti o meu olhar eterno
 Como pousam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...
 O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...
 E a Vida já não é o rubro inferno
 Todo fantasmas tristes e pressagos!

A Vida, meu Amor, quero vivê-la!
 Na mesma taça erguida em tuas mãos,
 Bocas unidas, hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...
 Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...
 O mundo, Amor!... As nossas bocas juntas!...



FULVA DE CABELEIRA AO VENTO

Judith Teixeira
(1880 - 1959)

Fulva de cabeleira ao vento
O olhar desgrenhado
Como o pensamento
Traz a expressão do crim
A tatuar-lhe o rosto desbotado
Amassa com raiva
As dobras dum manto
Já rasgado
Rugindo maldições
Aljofra de espuma
Os lábios contorcidos

Matei! Matei, grita ela
Tropeçando nas pedras da viela
Matei o meu amor
Afoguei-o em vinho
Aqui, dentro do meu ser
E no seu [desbragado?] desalinho
Estrugia a dor

[Repudiaste?] a ânsia de todo o meu viver
E só agora me quiseste porque me vou vender

Matei! Matei o amor
Na febre dos meus beijos
E do seu carinho
Na ânsia de o vencer
Afoguei-o em vinho

Eugénio de Andrade
(1923 - 2005)

VI

Não canto porque sonho.
Canto porque és real.
Canto o teu olhar maduro,
o teu sorriso puro,
a tua graça animal.

Canto porque sou homem.
Se não cantasse seria
somente um bicho sadio
embriagado na alegria
da tua vinha em vinho.

Canto porque o amor apetece.
Porque o feno amadurece
nos teus braços deslumbrados.
Porque o meu corpo estremece
por vê-los nus e suados.

O TEU CORPO

Maria Teresa Horta
(n.1937)

Atentas as mãos
cobrem os lugares
trocam os sítios e perdem os sinais

Desassossegam o coração
e mais:
despertam os silêncios que se entregam

Encontro
ou desencontro?
Não interessa

Veneno a contragosto já intacto
Os corpos se revoltos nunca negam
de si o seu prazer o seu palato

Retrato à beira-boca
do teu pénis
se eu canto as virilhas e o olfacto

De ti,
o cotovelo alto
o joelho em baixo que sossega

Esquecer-te é impossível
e por isso volto
a visitar-te a nuca que se nega

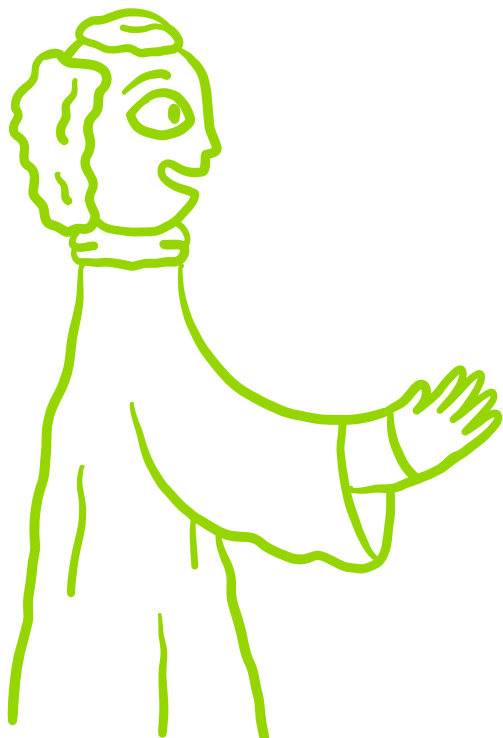
A vertigem
descendo em tuas costas
as ancas estreitas que escorregam
Depois provo de ti
o vinho solto
salto de baixo para tomar o alto

Aperto-te nos braços
e um mar revoltoso
perde-se em nós num súbito cansaço



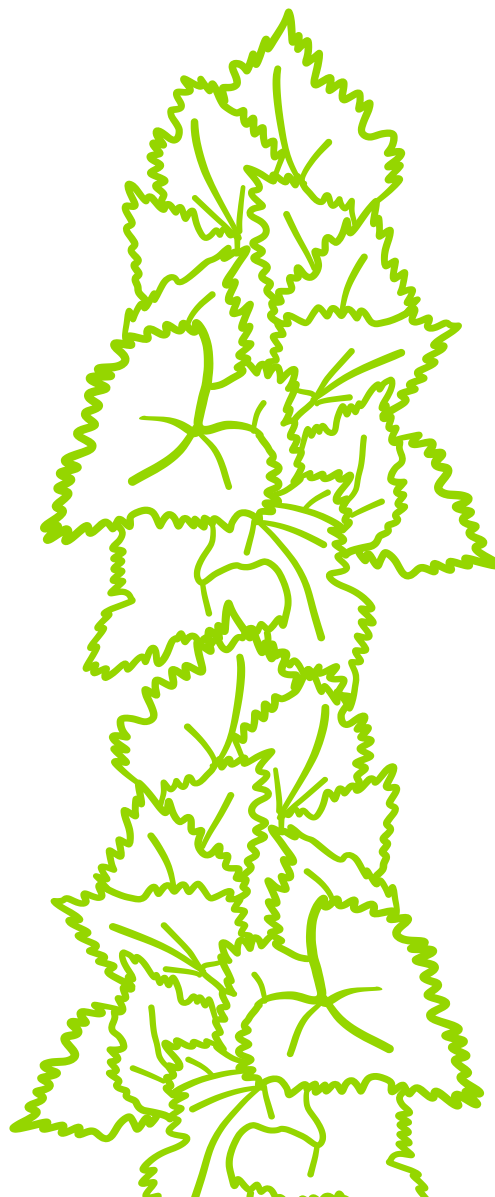
Jorge Sousa Braga
(n.1957)

Basta-me
o teu umbigo de vinho
para ficar bêbedo



PALIMPSESTO

Manuella Bezerra de Melo
(n.1982)



como é bom lamber o vinho
que gostoso lamber o vinho
nas paredes de uma taça suja
vazia

como quem lambe
o próprio umbigo de mulher
que não se alcança só

como é bom lamber o vinho
agradável beber o vinho
nas paredes de uma taça vazia
suja

como cadela
lambendo o prato
da ração que acabou

ritual
uma mulher lava sua taça
para começar
lava sua taça
para terminar

corta um queijinho
aos cubinhos
milimetricamente]
come o queijinho
deliciosamente]
parte um torresmo
aos cubinhos
milimetricamente]

frita o torresmo
 come o torresmo
 deliciosamente]
 como quem deita
 em um cem fios
 ou
 corta uma garganta

mas o vinho que bebe
 uma mulher no caribe
 sabe a ferrugem de
 um facão trincando
 um disparo a queima-roupa
 peste campesina
 navios horizonte
 açoite

antes de lamber a taça
 a mulher senta-se ao chão
 e com os ossos fermentados
 sua prensa rompe as sementes

no Douro as uvas
 são pisadas com os pés
 cuja pele lambe e mata
 as impurezas do próprio pé
 uma extração suave e seletiva
 que respeita as etapas do processo
 e valoriza a cor verde
 do vinho verde

destas mulheres há uma
 que arregaça a boca
 e bebe na torneira
 com muita sede
 e uma mulher que é [...]
 sempre servida
 por outra mulher
 seu vinho afortunado

a mulher que lhe serve
 nunca o beberá
 a mulher que serve
 nunca será servida

mas a mulher servida
 come seu queijinho cortadinho
 aos cubinhos
 milimetricamente]

ao apagar das velas
 ambas lambem as taças
 as paredes sujas das taças
 enquanto fecham as cortinas
 espreitam pela fresta
 reparam o calendário
 observam o oceano

e esperam de pé um sinal
 uma campainha
 uma sirene

VENHA A MIM O TEU REINO

Gisela Casimiro
(n.1984)

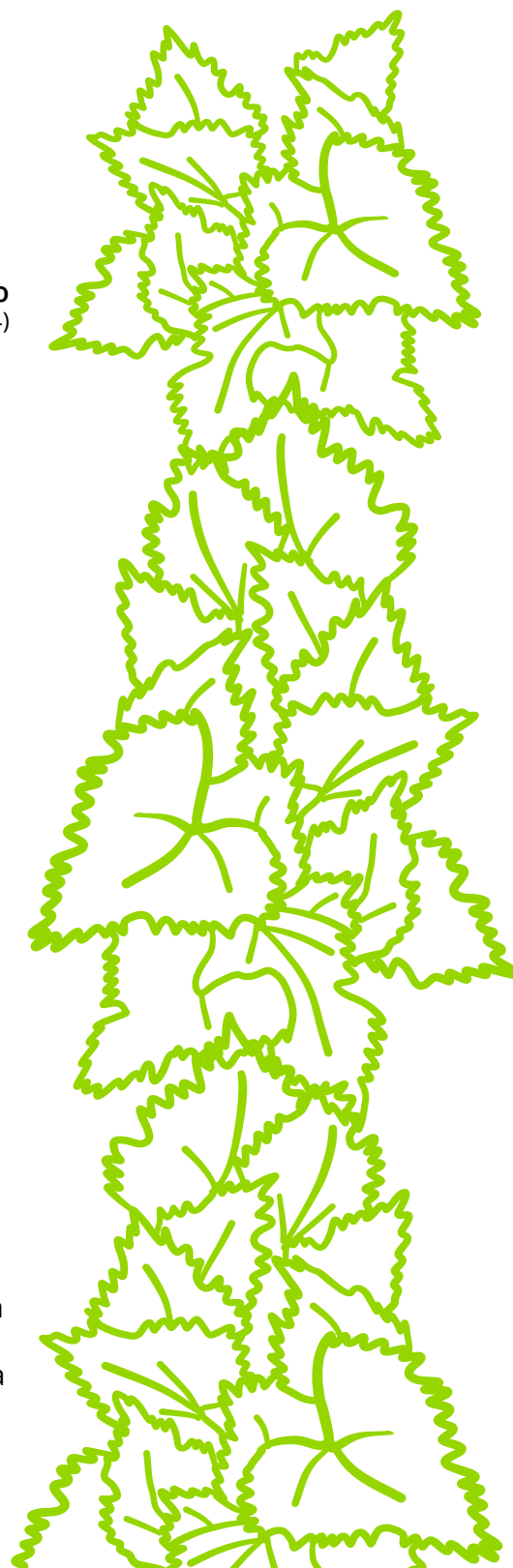
Venha em mim o teu reino
que nos mapas dá agora por outro nome
código esse ancestral que eu murmuro
como quem não deseja a trégua
e sim a conquista despudorada da rendição

São os limites que destruo quando no escuro
tacteo o que poderia ser a fronteira da pele
o alicerce do músculo a emboscada dos dentes
o armamento da púbis a muralha líquida da língua
que nos atravessa como flecha e ponte

Regressaste num ano que se adivinhava de seca
e agora retiro ramos e folhas do cabelo como
se fosses a árvore, a cadeira, a mesa
a sombra, o abrigo, o repouso e o banquete
Regressaste num dia que se adivinhava de fome
desprovido de palavras como mão-dada e madrugada
clavícula fosso ventre copo jarra prato e jorro
A fome e a sede animais de um nós
que apenas existe na floresta

A floresta foi uma vez a floresta
mas as mais das vezes ela foi
o parque infantil e de estacionamento
o banco de trás de um carro em movimento
foi a escadaria na Mouraria o quarto de hotel na avenida
o restaurante onde não pagámos a conta
foi uma videochamada, foi olhar a tua fotografia, deitada
foi outra casa foi fora de casa foi sair e voltar a casa

A floresta permanece encantada
mesmo quando nós deixamos de estar
Fecho o livro arranco a toalha derramo o vinho
o teu reino nunca deixará de chegar





E TEM LÁ DENTRO ALEGRIA

O INVERNO

Alceu de Mitilene

(c. 630 a.C. - c. 580 a.C.)

Júpiter chove, pelo céu se enturva
Fremente o ar:
Túrgidas crescem as torrentes grossas
Da água a jorrar.
Frígido inverno!, morra nas fogueiras
Do roxo lar.
Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
Vamos, virar!
Beba-se, e já; porque a luz havemos
Ainda esperar?
Rápido é o dia, lentos são pesares,
Maus de acabar:
Deu-no-lo, e vinho, de Sémele o filho
Para os matar.
Válidos copos, um a um, cá dentro
Se vão juntar:
E áspera luta travam na cabeça,
Que hão de quebrar.
Água?... Mostrar-lha: duas vezes vinho
A tresdobrar!

Recriação de Almeida Garrett
(1799 - 1854)



ARTE POÉTICA OU EPÍSTOLA AOS PISÕES

Horácio
(65 a.C. - 8 a.C.)

[...]

Nem sempre a flauta foi, qual hoje a vemos,
De metal guarnecida, e sonora
Émula do clarim; porém singela,
Com poucos furos, isso lhe bastava
Para ajudar, e acompanhar os coros,
E para encher de som o anfiteatro;
Onde acudia menor povo que hoje,
Mais fácil de contar, porém mais puro,
Mais virtuoso, e muito mais modesto.

Mas logo que este, vencedor dos outros,
Começou a estender seus territórios,
A alargar da cidade os vastos muros,
E a libar sem pudor tonéis de vinho,
Durante o dia, ao Génio dos prazeres;
Maior desenvoltura entrou nos versos,
Foi o canto mais livre. – Era impossível
Exigir fosse o gosto mui severo
Desse ignorante camponês grosseiro
Que vem, depois de rústicos trabalhos,
Descansar, recrear-se, e confundir-se
Com cidadãos polidos e ilustrados.

Então foi que o flautista uniu a dança
À prisca e simples arte; a solta cauda
Ostentaram actores no teatro.
A lira séria assim ganhou c’o tempo
Mais número de tons, mais variedade.
A insólita eloquência resoluta
Arriscou frases novas, desusadas,
Que assumiram d’oráculos a forma,
Ficando enigmas quasi as chãs sentenças.

Quem disputou vilmente na tragédia
O bode, que ao depois imola a Baco,
Mostrou sem custo os Sátiros despídos;
Uniu à dignidade do coturno
Seus epigramas rústicos, mordazes;
Cuidou em recriar com farsa nova
Aquele que dos sacros jogos volta,
Que o vinho aquece, quebra às leis o freio,
E lhe é grata a soltura da linguagem.

[...]

Tradução de D. Leonor de Almeida
Portugal Lorena e Lencastre,
Marquesa de Alorna (1750 - 1839)

Pero da Ponte
 (séc. XIII)

Quem a sesta quiser dormir,
 conselhá-lo-ei a razom:
 tanto que jante, pense d'ir
 à cozinha do infançom:
 e tal cozinha lh'achará
 que tam fria casa nom há
 na hoste, de quantas i som.

Ainda vos en mais direi
 eu, que um dia i dormi:
 tam bõa sesta nom levei,
 des aquel dia'm que naci,
 como dormir em tal logar,
 u nunca Deus quis mosca dar,
 ena mais fria rem que vi.

E vedes que bem se guisou
 de fria cozinha teer
 o infançom, ca nom mandou
 des ogan'i fogo acender;
 e, se vinho gaar d'alguém,
 ali lho esfriarám bem,
 se o frio quiser beber.

PRANTO DE MARIA PARDA

Gil Vicente
 (1465 - 1536)

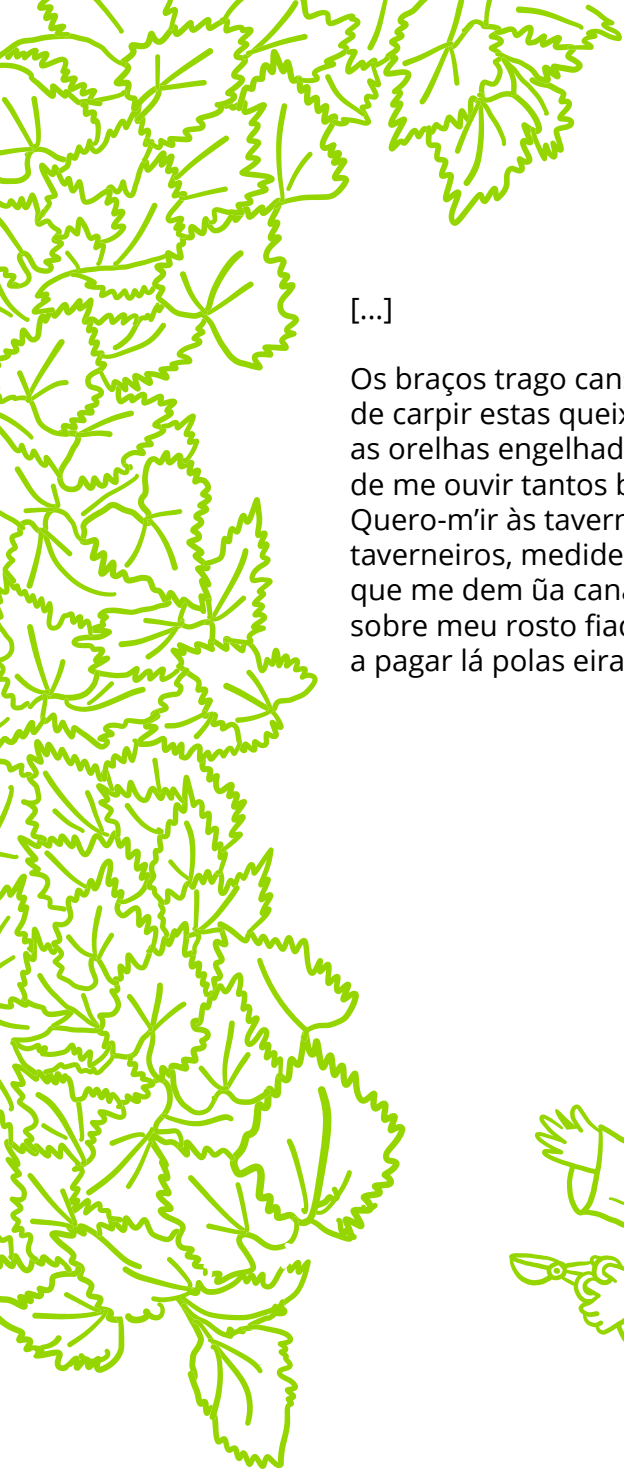
De Gil Vicente em nome de Maria Parda fazendo pranto porque viu as ruas de Lixboa com tam poucos ramos nas tavernas e o vinho tam caro, e ela nam podia viver sem ele.

Eu só quero prantear
 este mal que a muitos toca
 qu'estou já como minhoca
 que puseram a secar.
 Triste desaventurada
 que tam alta está a canada
 para mi como as estrelas.
 Ó coitadas de goelas
 ó goelas da coitada.

Triste desdentada escura
 quem me trouxe a tais mazelas?
 Ó gengibas e arnelas
 deitai babas de segura.
 Carpi-vos beiços coitados
 que já lá vão meus toucados
 e a cinta e a fraldilha.
 Ontem bebi a mantilha
 que me custou dous cruzados.

[...]

Ó vinho mano meu vinho
 que má hora te gostamos.



[...]

Os braços trago cansados
de carpir estas queixadas
as orelhas engelhadas
de me ouvir tantos brados.
Quero-m'ir às taverneiras
taverneiros, medideiras
que me dem ãa canada
sobre meu rosto fiada
a pagar lá polas eiras.



FESTAS BACCHANAES:

*Conversão do Primeiro Canto dos Lusíadas do Grande
Luiz de Camões Vertidos do Humano em o De-Vinho
por uns Caprichosos Auctores (1589)*

**Manoel do Valle, Bartholomeu Varella,
Luiz Mendes de Vasconcellos e Manoel Luiz**

[...]

I.
Borrachas, borrachões assinalados,
Que de Alcochete junto a Villa Franca,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda alem de Peramanca:
Em pagodes, e ceias esforçados,
Mais do que se permite a gente branca,
Em Evora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram:

II.
Tambem as bebedices mui famosas
Daquelles que andaram esgotando
O imperio de Baccho, e as saborosas
Agoas do bom Louredo devastando;
E os que por bebedices valerosas
Se vão das leis do reino libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar Baccho, e não Marte.

III.

Cessem do Novellão, do gran Barbança
 As grandes bebedices que fizerão;
 Cale-se do Rangel e do Carrança
 A multidão dos vinhos que bebêram,
 Que eu canto d'outra gente e d'outra lança,
 A quem frascos de vinho obedeceram:
 Cesse tudo o que a musa antiga canta,
 Que outro beber mais alto se alevanta.

IV.

E vós, bacchanaes nynphas, pois creado
 Em mim tendes a sêde tão ardente,
 Se sempre em largo copo espraiado
 Festejei vosso vinho alegremente,
 Dae-me agora um bom papo despejado
 Para beber á perda co'esta gente,
 Porque de vossas agoas Baccho ordene
 Um rio para bebados perenne.

V.

Dae-me uma vasilha mui cheirosa,
 Seja de bom licor, não saiba a arruda,
 De Peramanca seja que é gostosa,
 O peito esforça, a côr ao gesto muda;
 Dae-me igual nome ás tassas da famosa
 Gente vossa que Baccho tanto ajuda;
 Que se espalhe, e se cante no universo,
 Se tanta bebedice cabe em verso.

DAS VINHAS

Pierre-Fulcrand de Rosset

(1708 - 1788)

[...]

Formam-se os cachos, e o calor bem cedo
 Há de pintar-lhes duvidosas cores:
 Quando, cobrindo-os a folhagem densa,
 Opõe à luz diurna um véu sombrio,
 Tornem-lhe a luz, e mais vermelho o fruto
 Vê-se que ao Sol de púrpura se tinge:
 Em vicejando sem arrimo as cepas,
 Basta entrançar-lhes a madeixa longa.

[...]

Dado o sinal, enceta-se a vindima;
 Enxame camponês caminha à pressa,
 Dirige-os o prazer; co'as mãos ativas,
 Da cantilena ao som, cerceiam cachos;
 Porém frutos com eiva, ou abortivos
 Do tesouro comum são refugados;
 Deixa esses bagos, alimento de aves,
 Não te manche os tonéis seu podre sumo:
 Aos cachos apanhados num só dia
 Não dás um só destino; estes se elegem
 Entre mil para a mesa, e se mergulham
 N'água fervente de que surgem brandos;
 O Sol murchou-lhe a flor da mocidade,
 E rugas a velhice antecederam;
 Aqueles, cujo preço é venerado
 Da Quadra fria, engelham-se nos tectos,
 Pendentes envelhecem manso e manso.

Acolheu-se a teus muros a vindima,
 Folhas enjeitas, e a despida esgalha;
 Sobre tábuas depois, com arte unidas,
 Nus, vigorosos pés espremem cachos:
 O sumo em grossas ondas vai manando;
 Preso nas pipas, nos tonéis cativo
 Fuma, ruge o licor, e sobe, e ferve;
 E co'a pele, que tinge, misturado
 Toma o lustre, o calor de um vivo fogo.

[...]

Quando falece o vinho à cuba exausta
 Toma dos bagos o fumante espólio:
 Ei-los já, no lagar acumulados,
 Ao peso gemem de abatidos fusos;
 Saem da uva esmagada os sumos logo,
 E regatos de vinho a terra inundam;
 Tropel vindimador ao vê-los folga,
 Tomam copos nas mãos, dão grandes sorvos;

[...]

Tradução de Manuel Maria
 de Barbosa du Bocage (1765 - 1805)

LÁGRIMAS ABENÇOADAS

Camilo Castelo Branco
 (1825 - 1890)

[...]

O conde tomara uma postura cómica de pasmo, quando Álvaro entrou no quarto. Alguma coisa o impressionara; mas em homens tais as impressões são fugitivas, e frouxas, porque não há aí entusiasmo, nem grandeza nessas almas caídas do sublime para o raso dos sentimentos grosseiros e triviais.

O procedimento do seu amigo devia maravilhá-lo. Era extraordinário! Apenas entrou no quarto, Álvaro estendera-lhe friamente a mão, e mandara-o sentar-se com um gesto muito significativo de fastio. Que o hóspede lhe era aborrecido, bem o denunciava ele no franzir da testa, onde por força vem à luz da fisionomia sentimentos que a delicadeza quisera algumas vezes abafar.

- Dói-te a cabeça? - perguntou o conde.

- Não... dói-me o espírito - respondeu Álvaro.

- As dores do espírito, matam-se com *espírito*... mas é de vinho... Bebe... Obriga a matéria a pensar de outra maneira, como diz Rousseau.

- E diz Rousseau que a matéria pensa? - perguntou Álvaro, com um sorriso motejador.

- Que dúvida!... A matéria organizada, chamada homem, é uma coisa que pensa. Quando pensa mal, isto é, quando nos apoquentam, modifica-se a matéria, imprimindo-lhe uma ação nova. A maneira de modificá-la é simplicíssima. Disseste



A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

Eça de Queiroz

(1845 - 1900)

que estavas triste, não é verdade?

– Sim.

– Pois bem: bebe cognac, come fiambre, afoga-o em vinho de Setúbal, que é de mais a mais um triunfo patriótico sobre o *Champagne* e o *Bordeus*. Seja o que for o bolo alimentício que alojás no estômago, é matéria: esta, posta em contacto com a matéria que pensa, altera-a; e desta alteração química e fisiológica resulta um novo ser pensante, uma solene pirraça à tristeza.

[...]

[...]

Barrolo estendeu o braço, com efusão:

– Oh Cavaleiro! eu tenho empenho em que você prove esse vinho com cuidado... É da minha propriedade do Corvelo... Faço muito gosto nele. Mas prove com atenção!

Sua Excelência provou com devoção, como se comungasse. E com uma cortesia compenetrada para Barrolo, que reluzia de gosto:

– Uma delícia! uma verdadeira delícia!

– Hem? Não é verdade? Eu, para mim, prefiro este vinho do Corvelo a todos os vinhos franceses, os mais finos... Até ali o nosso amigo padre Soeiro, que é um santo, o aprecia!

Silencioso, esbatido por trás de uma das altas jarras de cravos, padre Soeiro corou, sorriu:

– Com muita água, infelizmente, sr. José Barrolo... O gosto pede, mas o reumatismo não consente.

Pois José Mendonça, que não temia reumatismos, atacava sempre bravamente aquele bendito Corvelo...

– Que lhe parece a você, João Gouveia?

Oh! João Gouveia já o conhecia, louvado Deus! E certamente nunca encontrara em Portugal, como vinho branco, nenhum comparável pela frescura, pelo aroma, pela seiva...

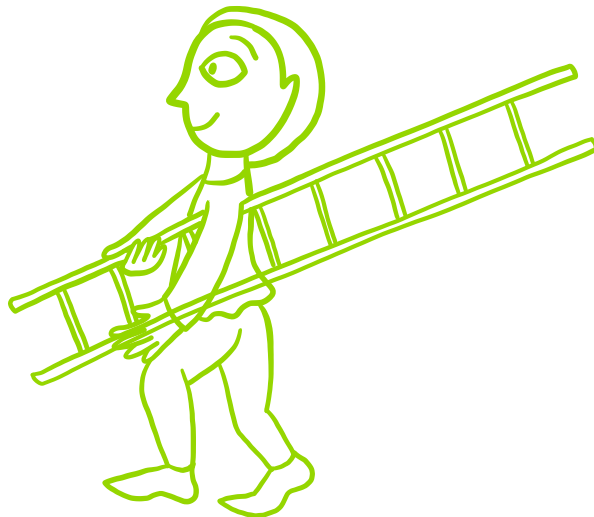
– E cá lhe vou atiçando com fervor, Barrolo amigo! Esta bela garrafa de cristal vai de vencida!

Barrolo exultava. O seu desgosto era que Gonçalo nunca honrasse “aquele néctar”. – Não! Gonçalo não tolerava vinhos brancos...

– E então hoje estou com uma destas sedes que só me satisfaz vinho verde, assim um pouco espumante, e com gelo... Que este de Vidainhos também é do Barrolo. Oh, eu não desprezo os vinhos da família... Este Vidainhos sinceramente o considero sublime.

Então Cavaleiro desejou provar esse sublime vinho verde da quinta de Vidainhos, em Amarante. O escudeiro, a um aceno entusiasmado do Barrolo, apresentou a Sua Excelência um copo esguio, especial para aquele vinho que espumava. Mas o Cavaleiro, acariciando o fresco copo sem o erguer, repisou a ideia de férias, de viagens, como acentuando o seu cansaço e fastio de Oliveira. – E sabia a senhora D. Graça para onde ele seguiria, depois da Itália, nesse Inverno, se por caridade de Deus o Ministério caísse?... Para a Ásia Menor.

[...]



António Nobre

(1867 - 1900)

15

O meu beliche é tal-qual o bercinho
Onde dormi horas que não vêm mais.
Dos seus embalos já estou cheinho:
Minha velha Ama são os vendavais!

Uivam os Ventos! Fumo, bebo vinho.
O Vapor treme! Abraço a Bíblia, aos ais...
Covarde! Que dirão (eu adivinho)
Os Portugueses? Que dirão teus Pais?

Coragem! Considera o que hás sofrido,
O que sofres e o que ainda sofrerás,
E vê, depois, se acaso é permitido

Tal medo à Morte, tanto apego ao Mundo:
Ah! fora bem melhor, vás onde vás,
António, que o paquete fosse ao fundo!



QUATRO NOVELAS

Ana de Castro Osório
(1872 - 1935)



[...]

Ali também havia mudança... Luís começou a sentir a ansiedade da dúvida. Tinham plantado vinha nesse campo, que dantes ondulava num verde tenro pelas primaveras, e pelos verões era um manto de ouro, com as espigas acurvadas ao peso do grão já maduro.

Entrou pelo fundo do quintal, que no seu tempo tinha apenas um pequeno muro como sinal de posse e agora se alteara numa hipótese de muralha orgulhosa.

Seguindo pela rua mais larga, ia recordando, uma por uma, as árvores do pomar. Uma certa pereira que se erguia em roca, toda florida e branca como fogaça, e era a primeira a amadurecer as suas pêras magnificas; uma rua de aveleiras baixas

e tufadas, donde apanhavam às mãos cheias as avelãs ainda em leite, que eram dum verdadeiro apetite... Depois lembrava-se dumas certas ameixas, muito roxas e carnudas, que ainda lhe faziam crescer a água na boca. E a nespereira imensa que sombreava a horta, com grande desespero do velho Ant3nio hortel3o... e a enorme cerdeira, que tinha uma hist3ria engraçada, que os pequenos sempre contavam ao ouvido dos visitantes e os fazia desenhar gestos de nojo, o que lhes provocava uma esfogueteada de risos!?... E tantas outras que eram mais conhecidas, como suas irm3s, que iria abraçar piedosamente numa despedida derradeira.

Se fosse tempo de lilases, como teria gosto de levar um grande molho de flores para a m3e! Sim, roubaria, porque ao seu inconsciente crit3rio isso n3o lhe parecia um roubo: se o quintal era o seu, o mesmo que tinha deixado anos antes, que mal poderia haver nisso?!

Apressou o passo at3 avistar a grande nogueira, plantada no ano do nascimento de Eduarda, e que j3 no seu tempo era uma bela 3rvore que desafiava a cobiça do rapazio que de fora namorava as suas verdes nozes de boa casta. Se n3o fosse noite poderia ver no tronco rugoso as iniciais do seu nome, que Eduarda tinha aberto, na v3spera da sua partida para o col3gio.

Mas ao chegar junto 3 3rvore, donde se descobria todo o quintal, n3o p3de reprimir um gesto de pavor.

Ah, para que viera ali, numa febre apreensiva de lembranças, – para reviver uma vida que j3 n3o existiria mais, para materializar uma saudade que j3 n3o poderia ser realidade... para qu3?!...

Bem lho dissera Eduarda, aconselhando-o a n3o dar ao passado mais do que a melanc3lica e vaga

recordaça3o que merece, e lembrando-lhe o dever de caminhar para a frente, de viver, como ela, uma nova vida mais nobre e mais cheia de ideais, que a faziam at3 abençoar esse desastre material que a libertara de preconceitos e costumes seculares...

Mas ele sofria verdadeiramente e intensissimamente; era uma dor material como a de lhe cortarem um pedaço do seu pr3prio corpo, ao ver que t3m o pomar n3o soubera resistir 3 mudança de propriet3rio, na sua passividade de natureza vegetativa.

Oh, as lindas 3rvores de fruto, as ruas de plumeiras decorativas, – in3teis para o crit3rio mesquinho do vulgo – os cris3ntemos estrelados, os l3rios roxos, as roseiras j3 grossas como 3rvores, tudo, tudo fora sacrificado ao ign3bil desejo do lucro. Tudo desaparecera, para dar lugar 3 vinha!

Como sofria com tal hecatombe, e como sentia no seu pr3prio ser os gemidos doloridos das suas plantas mortas, cujas almas erravam ali sem d3vida – ele ouvia-lhes e compreendia-lhes as queixas esparsas naquele ar triste de cemit3rio...

Vinha: toda a horta, todo o pomar, o seu pr3prio jardimzinho cultivado com tanto desvelo!

Um soluço lhe subiu do peito oprimido, e as l3grimas vieram-lhe, sem querer, aos olhos ardentes.

O quintal tinha pouca 3gua, sim, ele sabia isso, – fora at3 a grande preocupaça3o da fam3lia – estando numa encosta que declivava docemente at3 ao ribeiro... Mas nunca l3 tinha morrido nada com sede; pelo contr3rio, as 3rvores desenvolviam-se a olhos vistos.

Todo o desespero das coisas fatalmente irremedi3veis o sacudia e fazia alucinadamente padecer.

A vinha! Como detestava essa planta, de que transformam em subtil veneno o doce e arom3tico sumo do seu fruto, e que estropia mais criaturas

e faz correr mais sangue e mais lágrimas pelo mundo do que exércitos em campanha!

Como se tornava odiosa aos seus olhos essa planta, que torce convulsamente para o céu os braços descarnados de esqueleto, e como a desejaria queimar, numa fúria vingativa de inquisidor!

Luís amaldiçoava mil vezes essa planta, que é tão estimada, porque representa a cupidez explorando o vício.

Diante dos seus olhos, embaciados pelas lágrimas, todos esses troncos nus se animavam e viviam dançando numa roda selvática de possessos.

Como detestava entranhadamente, sagradamente, a vinha!

Não lhe lembrava, por certo, a alegria rubra e ruidosa das vindimas, quando eles iam todos, pelos poentes fulvos dos lindos outonos da sua terra, às propriedades de fora, e voltavam atrás dos carros que as dornas a transbordar faziam chiar doridamente, ora enterrando-se na areia solta das azinhagas orladas de silvas, ora trambolhando pelas lajes e pedras dos caminhos carreteiros.

Nem sequer recordava o delicado e suave perfume a reseda da vinha em flor, quando na primavera as noites são frescas e os rouxinóis cantam pelas ramarias os lirismos dos seus amores e as romanzas dos seus noivados.

Via somente os esqueletos tristes que tinham expulso as suas árvores amadas, as suas flores escolhidas, as esbeltas trepadeiras, tudo enfim que fazia o encanto daquele pedaço de natureza que fora uma parte da sua própria alma e deixara de existir para sempre.

[...]

ÁLCOOL

Mário de Sá-Carneiro

(1890 - 1916)

Guilhotinas, pelouros e castelos
 Resvalam longemente em procissão;
 Volteiam-me crepúsculos amarelos,
 Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas d'auréola aos meus ouvidos,
 Grifam-me sons de cor e de perfumes,
 Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,
 Desce-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,
 Da luz que me ilumina participo;
 Quero reunir-me, e todo me dissipo –
 Luto, estrebuchou... Em vão! Silvo pra além...

Corro em volta de mim sem me encontrar...
 Tudo oscila e se abate como espuma...
 Um disco de ouro surge a voltar...
 Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?
 Ópio d'inferno em vez de paraíso?...
 Que sortilégio a mim próprio lancei?
 Como é que em dor genial eu me eterizo?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu
 Foi álcool mais raro e penetrante:
 É só de mim que eu ando delirante –
 Manhã tão forte que me anoiteceu.

António Botto
(1897 - 1959)

4

Bendito sejas,
Meu verdadeiro conforto
E meu verdadeiro amigo!

Quando a sombra, quando a noite
Dos altos céus vem descendo
A minha dor,
Estremecendo, acorda...

A minha dor é um leão
Que lentamente mordendo
Me devora o coração.

Canto e choro amargamente;
Mas, a dor, indiferente,
Continua...

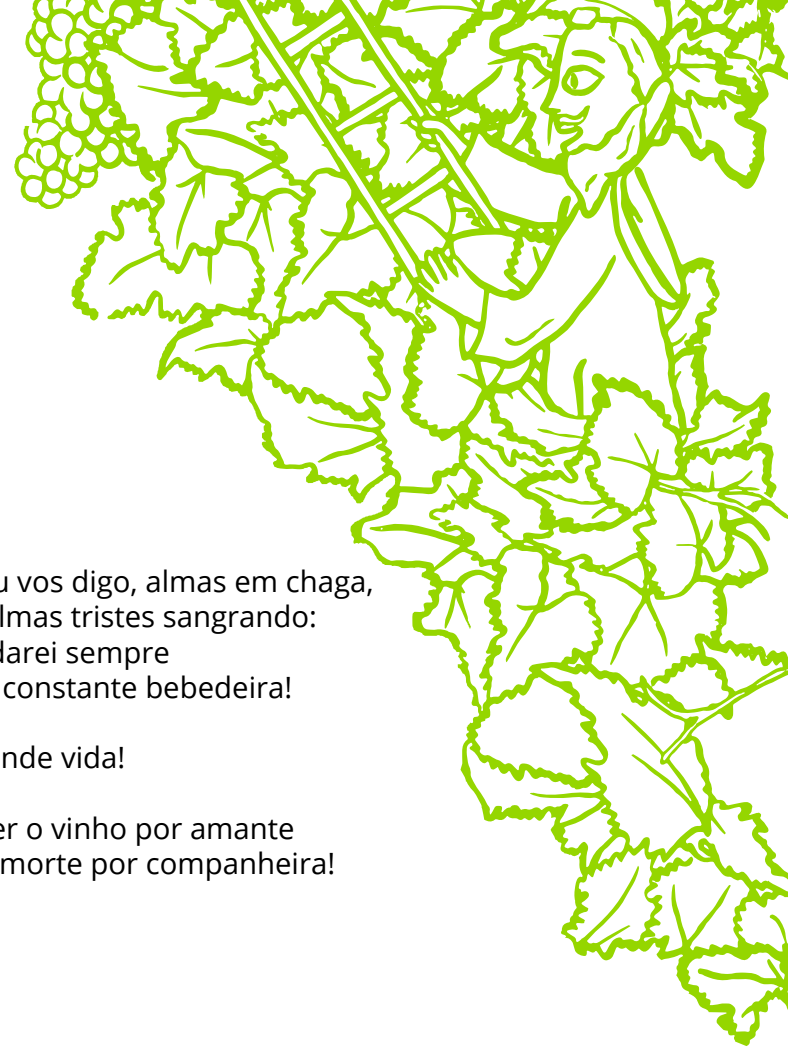
Então,
Febril, quase louco,
Corro a ti, vinho louvado!

- E a minha dor adormece,
E o leão é sossegado.
Quanto mais bebo mais dorme:
Vinho adorado,
O teu poder é enorme!

E eu vos digo, almas em chaga,
Ó almas tristes sangrando:
Andarei sempre
Em constante bebedeira!

Grande vida!

- Ter o vinho por amante
E a morte por companheira!



VINDIMA

Miguel Torga

(1907 - 1995)

XXV

A resposta dos sócios da Empresa à oferta do Lopes ficou de lhe ser dada pelo sr. Ângelo no Pinhão. Nessa estufa onde se respira a custo, estrela geográfica de três braços líquidos – o Doiro que vem, o Doiro que vai, e o pequeno rio que dá o nome ao lugar –, atam-se e desatam-se os grandes dramas da região. Pela sua rua única, estrangulada entre o monte e o caminho de ferro, passam todas as inquietações humanas que vão desde Sanfins a Tabuaço. Gente da mais variada condição acotovela-se na pequena artéria de sangue escaldante, na mesma ânsia de vida e triunfo. Recoveiros que vêm trazer e levar encomendas, feitores que despacham colheitas, patrões que embarcam e desembarcam, compradores que farejam, filhos de proprietários que se exercitam, trabalhadores, ciganos, pedintes e loucos que ninguém sabe de onde são nem o que fazem. De um lado e doutro, largos portões de castanho dão entrada para os armazéns, que guardam no silêncio e na penumbra, em cubas e tonéis, as colheitas passadas. 1820, 1874, 1896, 1906, 1908, 1916... a cada um corresponde um tipo de vinho particular, único, inconfundível, com específicas virtudes do corpo, gosto e perfume. Um copo bojud e de boca estreita espera sobre a tranqueta das portinholas a hora em que os compradores



venham provar o néctar, e pôr à prova a finura do paladar. E um cheio que se não pode descrever, ao mesmo tempo viril e voluptuoso, emana do chão, das paredes, das vasilhas, e dos próprios malhais que lhes servem de trono.

Nas vendas, nas tascas e nos cafés, a fatura ou a miséria de bacalhau, de arroz, de macarrão, de doces, de bebidas, de cigarros e de bugigangas vai dando a medida das altas e baixas dos ordenados. As crises da região têm ali um barómetro constante, franco e fiel. A Inglaterra consome e a produção é boa – a Beira manda milho e centeio, o Alentejo trigo, o Porto mercearias, e às portas das lojas os sacos cheios, de boca escancarada, sorriem a quem passa. Mas vem a crise de 1754, a de 1811, a de 1852, a filoxera, o míldio, a concorrência australiana – o pão escasseia, o bacalhau encolhe, a massa enegrece, e os caixeiros parecem cães de guarda, por detrás dos balcões. Assim varia o perfil da terra, nascem e morrem tabernas, crescem e desaparecem bazares, florescem e murcham hospedarias.

É na gare do caminho de ferro, ágora da povoação, que empola e amaina diariamente o fervilhar contínuo do formigueiro. O comboio, incansável lançadeira, eterna vítima de horários, sobe e desce a fumegar, num vaivém sem descanso. E leva e traz anseios, aproxima e afasta esperanças, carrega e descarrega desilusões.

O Doiro margina apenas a povoação. Cansado do esforço erosivo das Cadavadas e do salto da Valeira, alaparda-se debaixo da ponte, espreguiça-se depois, e afasta-se a passo de anjo da balbúrdia. A sua missão é outra. Único rio que entra e sai de Portugal a roer pedra, o destino encarregou-o dessa exemplaridade viril e tenaz, e também de

dar nome às léguas abruptas de xisto que nele se reflectem, e onde se alcandoram as quintas que os turistas em passeio vão identificando, num deslumbrado encontro do mito com a realidade. Roncão, Rodo, Canal, Boavista, Tinturedo, Crasto, Sagrado... A imaginação de que Londres, Estocolmo, Paris ou Nova Iorque vislumbra esses paraísos situados num país que determinado cartaz ajuda a figurar (bois paivotos de molhelhas franjadas, uma pipa bojuda sobre o carro, um transmontano ossudo de aguilhada na mão – tudo à luz madura dum sol singular, nem espanhol nem africano –, ou simplesmente um lindo barco rabelo, a todo o pano, exótico como um junco chinês, passeando pelas águas doiradas a cauda pesada de dragão), pode finalmente admirar a realidade ao natural, desvendada e maravilhosa. Nomes e apelidos das mais variadas línguas acenam, a cal, das paredes dos calços. Diez Hermanos, Smith, Cosens, Andresen, Kopke, Roop, Sandeman, Croft, De Laforce, Calem –, a algaravia da torre de Babel. Do mundo inteiro veio gente recolher o oiro líquido do Alasca tentador. De fraguados escarpados, despenhadeiros mortais e congostas bravias, celtas nativos fazem canteiros verdejantes, que todo o ano orvalham de suor. E sobre os alicerces desse esforço alugado erguem-se orgulhosos os castelos da posse, de cujas ameias se debruçam, loiras e anafadas, as faces estrangeiras dos mercadores. Mas existe uma capital deste feudalismo disperso; uma polarização urbana do tresmalho murado de cada senhor: meia dúzia de casas banais, uma estação com azulejos que reproduzem em mísero a grandeza do cenário, e adegas sombrias, cavadas no chão como furnas – o Pinhão. O cósmico e cosmopolita Pinhão!

[...]

ERAS NOVO AINDA

Al Berto
(1948 - 1997)

5

procuro-te no meio dos papéis escritos
atirados para o fundo do armário de vidrinhos
comias uvas no meio da página

a seguir era como se fosse noite
havia olhares que se cruzavam corpos
deambulações pela praia
era noite e alguém se aproximava

eu estava sentado passeando os dedos
pelas nódoas frescas do vinho sobre a mesa o caderno
onde de quando em quando rabiscava um rosto
e listas de nomes que não queria esquecer

paguei o vinho o pão e o queijo
levantei-me
tu cortaste-me a fuga vagarosamente preparada
pediste-me um cigarro

na outra página estávamos rindo
estendidos no pobre embarcadouro de madeira
planeávamos atravessar a noite mágica do rio

a página seguinte está em branco
mas lembro-me que te agarrei as mãos e disse:
todos os cigarros do mundo são para ti

A MENINA DO MAR

Sophia de Mello Breyner Andresen
(1919 - 2004)

[...]

– Que pena que eu tenho de não te poder
mostrar a terra! – disse o rapaz.

– E eu que pena tenho de não te poder levar
comigo ao fundo do mar para te mostrar as
florestas de algas, as grutas de corais e os jardins
de anémonas!

E nessa manhã o rapaz e a Menina, enquanto
nadavam na água, iam contando um ao outro as
histórias do mar e as histórias da terra.

Até que a maré subiu e despediram-se.

No dia seguinte o rapaz chegou à praia, sentou-se
ao lado da Menina do Mar e disse:

– Hoje trago-te uma coisa da terra que é bonita
e tem lá dentro alegria. Chama-se vinho. Quem
bebe fica cheio de alegria.

Enquanto dizia isto o rapaz pousou na areia
um copo cheio de vinho. Era um daqueles copos
muito pequenos que servem para beber licores. A
Menina do Mar segurou o copo com as duas mãos
e olhou o vinho cheia de curiosidade, respirando
o seu perfume.

– É muito encarnado e muito perfumado – disse
ela. – Conta-me o que é o vinho.

– Na terra – respondeu o rapaz – há uma planta
que se chama videira. No Inverno parece morte e
seca. Mas na Primavera enche-se de folhas e no
Verão enche-se de frutos que se chamam uvas e

que crescem em cachos. E no Outono os homens colhem os cachos de uvas e põem-nos em grandes tanques de pedra onde os pisam até que o seu sumo escorra. É a esse sumo dos frutos da videira que chamamos o vinho. Esta é a história do vinho, mas o seu sabor não o sei contar. Bebe se queres saber como é.

E a Menina bebeu o vinho, riu-se e disse:

– É bom e é alegre. Agora já sei o que é a terra. Agora já sei o que é o sabor da Primavera, do Verão e do Outono. Já sei o que é o sabor dos frutos. Já sei o que é a frescura das árvores. Já sei como é o calor duma montanha ao sol. Leva-me a ver a terra. Eu quero ir ver a terra. Há tantas coisas que eu não sei. O mar é uma prisão transparente e gelada. No mar não há Primavera nem Outono. No mar o tempo não morre. As anémonas estão sempre em flor e a espuma é sempre branca. Leva-me a ver a terra.

[...]

ESTOU TRISTE

Manuel Alegre
(n.1936)

Eu tinha grandes coisas para vos dizer.
Porém não tenho tempo. Vou-me embora. Deixo-vos
com a vossa tristeza
mergulhada no vinho quieta envilecida.
Minha tristeza é mais pura
não se esconde no vinho não se esconde.
Precisa
de grandes gritos ao ar livre. De
partir à pedrada o corpo
onde a vossa tristeza apodrece.
Precisa de correr. Apertar muitas mãos
encher as ruas de muita gente.
Precisa de batalhas.
Precisa de cantar.

RESSACA

António Pedro Ribeiro
(n.1968)

Na ressaca
Das noites ébrias
Crio cenários
Liberto pássaros
Absorvo conversas

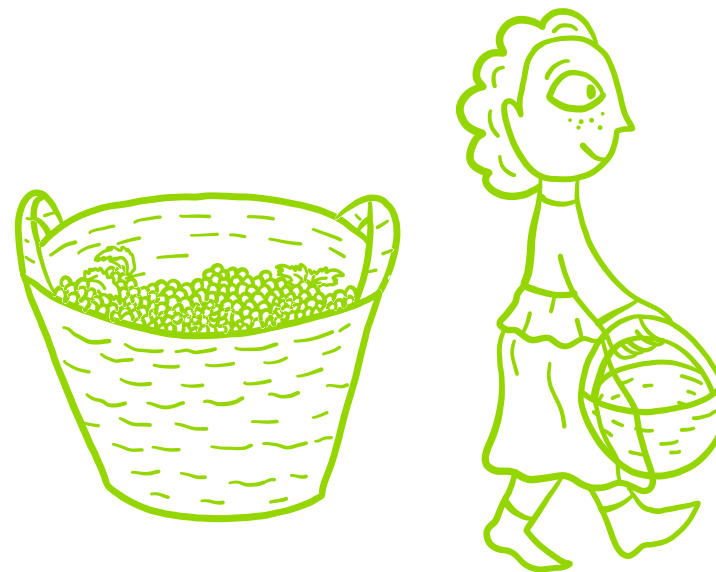
Tudo parece
Absurdo convencional
Diante do meu fogo
Diante da embriaguez
Permanente.



MARGENS DO DOURO

Maze [André Neves]
(n.1979)

Abstracto casario ribeirinho na neblina
sentimento intenso do topo da colina
sotaque cerrado gritado à porta do tasco
escorre néctar divino envelhecido em casco
grizo que paralisa, pesado como pipas
por isso visualiza suor que vem das tripas
gente inventiva, empreendedora e crítica
na rua rostos rijos de ruga granítica
é humidade aos molhos, morrinha molha tolos
vida que vem da vinha e alimenta todos
manhãs gélidas, tardes melancólicas
o cinza pincelado de camélias e magnólias
paisagens bucólicas de arquiteturas góticas
ópticas de miradouro relatam histórias
de vales douro, meu tesouro, duradouro
até andor violeta para o prado do repouso





POR ISSO AS VOZES CANTAM

A IDEIA

Antero de Quental
(1842 - 1891)

III

Força é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe – e um alto monte
Aonde se abra à luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,
Avante! É largo, imenso esse horizonte...
Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,
E em toda a parte há luz, vida e carinho!

Avante! os mortos ficarão sepultos...
Mas os vivos que sigam, sacudindo
Como o pó da estrada os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...
Que importa? havemos de passar, seguindo,
Se além do seio dele houver mais luz!

CAMINHO

Camilo Pessanha
(1867 - 1926)

II

Encontraste-me um dia no caminho
Em procura de quê, nem eu o sei.
– Bom dia, companheiro, te saudei,
Que a jornada é maior indo sozinho.

É longe, é muito longe, há muito espinho!
Paraste a repousar, eu descansei...
Na venda em que poisaste, onde poisei,
Bebemos cada um do mesmo vinho.

É no monte escabroso, solitário,
Corta os pés como a rocha dum calvário,
E queima como a areia!... Foi no entanto

Que chorámos a dor de cada um...
E o vinho em que choraste era comum:
Tivemos que beber do mesmo pranto.

CARRY NATION

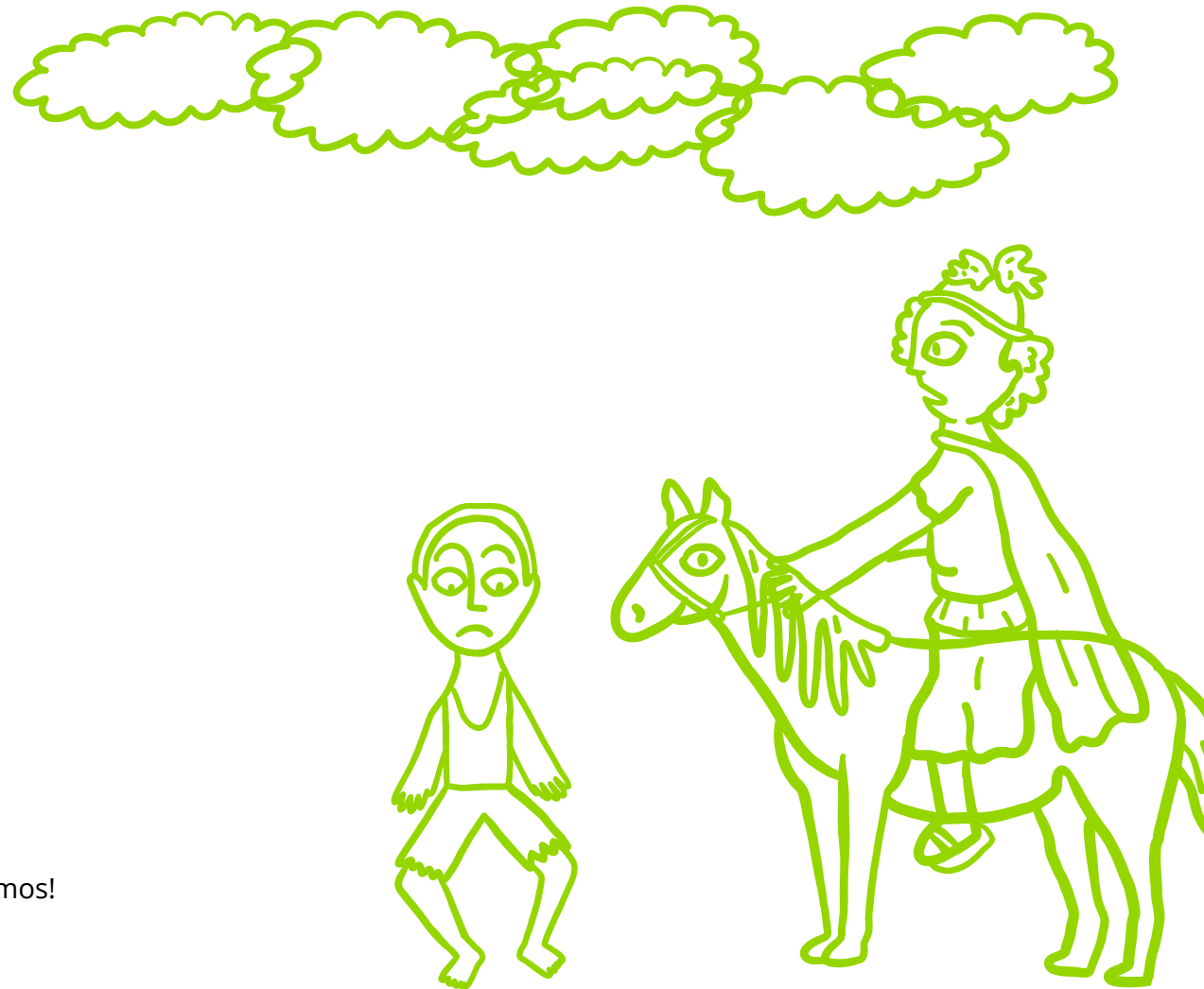
Álvaro de Campos

(1890 - 1935)

Não uma santa estética, como Santa Teresa,
Não uma santa dos dogmas,
Não uma santa.
Mas uma santa humana, maluca e divina,
Materna, agressivamente materna,
Odiosa, como todas as santas,
Persistente, com a loucura da santidade.
Odeio-a e estou de cabeça descoberta
E dou-lhe vivas sem saber porquê!
Estupor americano aureolado de estrelas!
Bruxa de boa intenção...
Não lhe desfolhem rosas na campa,
Mas louros, os louros da glória
Façamos-lhe a glória e o insulto!
Bebamos à saúde da sua imortalidade
Esse vinho forte de bêbados.

Eu, que nunca fiz nada no mundo,
Eu, que nunca soube querer nem saber,
Eu, que fui sempre a ausência da minha vontade,
Eu te saúdo, mãezinha maluca, sistema sentimental!
Exemplar da aspiração humana!
Maravilha do bom gesto, duma grande vontade!
Minha Joana de Arc sem pátria!
Minha Santa Teresa humana!
Estúpida como todas as santas
E militante como a alma que quer vencer o mundo!
É no vinho que odiaste que deves ser saudada!
É com brindes gritados chorando que te canonizaremos!

Saudação de inimigo a inimigo!
Eu, tantas vezes caindo de bêbado só por não querer sentir,
Eu, embriagado tantas vezes, por não ter alma bastante,
Eu, o teu contrário,
Arranco a espada aos anjos, aos anjos que guardam o Éden,
E ergo-a em êxtase, e grito ao teu nome.



BANCO DE PEDRA

Teixeira de Pascoaes
(1877 - 1952)

Sozinho, neste banco
De pedra, como a Arábia,
Contemplo o Tâmega e o Marão.
E logo me aparecem
Figuras rústicas
De camponeses.
Escondem-me a paisagem,
Pois todos me rodeiam, a falar.
Há-os loiros e morenos,
E amarelos,
E negroides,
Que este bom povo
Da minha aldeia
Parece resumir a Humanidade.
E todos se lastimam da pobreza,
O eterno assunto
Dos pobres.
E o dos poetas é a poesia,
A fome, a fome.
Mas beber...
Bebem sangue de Cristo.
E abençoam, por isso,
Quem o matou.
O italiano, que é mais fino,
Bebe-lhe as lágrimas,
'Lacrimae Christi'.
Vi esse vinho, exposto à venda,
Em garrafas que têm

Num rótulo benzido,
A sacra Imagem,
Coroadada de espinhos.

E os camponeses
Todos me falam,
E cada um na sua língua,
Como os pedreiros
Na Torre de Babel.
E a nossa língua não será
Qual síntese suprema
Das línguas em que o Demo
Discursa às almas do Senhor?

[...]



MILAGRES DE PORTUGAL

Alberto de Sousa Costa

(1879 - 1961)

[...]

Refiro-me, é claro, à lagarada tradicional, à lagarada animal, em que entram pernas e pés tímidos de sangue quente, em que há bocas a rir e gargantas a cantar, à que é o folguedo máximo desse país de epopeia – o país que da rude tragédia das serranias estéreis fez o poema épico dos verdes altares de fecundidade.

Já agora que entrei a prestar declarações, acrescentarei outra a este auto de notícia: – as vindimas e as lagaradas, no seu ceremonial jocundo, na cor e no ruído que lhes imprimem personalidade, são autênticas revivescências das festas do paganismo. E, apesar disso, não assisto a uma vindima, não assisto a uma lagarada, que me não lembre o drama cristão do crucificado, desde a via dolorosa ao Tabor – o caminho áspero do suplício, por entre o clamor das turbas, o martírio da inocência morrendo pela redenção dos homens, a sua ressurreição milagrosa, a sua transfiguração no espírito santo do vinho e no monte consagrado das cubas.

É ali pelo despedir de setembro que dos planaltos beirões e das serras trasmontanas afluem às quintas durienses alacres ranchadas de homens e mulheres. Os homens, de carapuça de lã e jaleca ao ombro, abordoados a rijos varapaus de lódão ou faia. Elas, as mulheres, crestadas do sol,

lambidas do suor, as garridas saias sofraldadas pela faixa de ourelo, conduzem à cabeça cestas de verga com chinelas e roupas de sobressalente. E cada um dos ranchos leva à vanguarda, como nas festas do Rei David, os seus grupos de dançarinos e cantadores – rapazes e raparigas a cantarem e a saracotearem-se ao tanger do bombo, do harmonium e dos ferrinhos.

De maneira que, mal o outubro lavra o seu assento de baptismo – pois não é de lei vindimar antes disso – quintas e socalcos, ravinas severas e negros despenhadeiros, tudo aquilo se anima e vibra do ruidoso folgar dos vindimadores, que se espalham pelos socalcos, que perturbam todo o nobre silêncio das quintas.

As vinhas, nessa altura, são exatamente anfiteatros transformados em vistosas quermesses. As folhas das videiras têm-se tingido dos tons das sedas e dos veludos. Não se encontra já o verde infantil da “farna”, dos dias em que a cepa floresce; é raro o verde varonil de antes da maturação – mocidade sadia e afirmação de esperança. O que domina, o que se vê, do rio aos cerros, é o arco-íris pulverizado no dorso da montanha. Aqui, as folhas tomam o ar ascético das vigílias – lividez de desmaio, palidez de anemia. Ali, parece que foram recortadas em puro âmbar – ou que passou sobre elas uma vaga de “champagne”. Um desfalecem no arroxeadado dos suplícios. Outras morrem no tom de palha das agonias, no cinzento frio dos rescaldos. E num expressivo contraste com as tintas de agonia ou de morte, sobressai, ondeia, grita, triunfa o vermelho rubro do sangue a correr, o vermelho húmido das chagas em carne viva.

Depois, no aconchego das folhas, no fofa acolchoamento das sedas e dos veludos, os

cachos maduros repousam e brilham. E os cachos maduros são na quermesse obras raras de joalheria tentando a cupidez do visitante. Os mouriscos, por exemplo, não se diferenciam de certos relicários de azeviche em exposição nas igrejas. Semelham *pendentifs* de rubis os corados moscatéis. Os malvasias lembram os corações de filigrana de ouro das moças garridas do Minho.

A quermesse palpita de movimento. Os visitantes acotovelam-se ao longo dos mostruários. E parece, de facto, de cada vez que a vindimeira se curva para colher o cacho, que uma nova jóia de estimação entrou na sua posse. A asa da cesta pendente do braço, na mão o fio da navalha elas colhem e guardam, elas riem e cantam. E ao lado delas, e perto delas, na mescla fervilhante dos lenços e das saias, glosando os seus cantos, sublinhando os seus rios, os homens trafegam, mexem-se, extravasam as cestas pequenas nos grandes cestos vindimos, transferem as uvas das vinhas para os lagares, descem e sobem os estreitos degraus entalhados na aprumada dos socalcos.

[...]

Então, a lagarada, ainda a despeito do seu feitio pagão, representa a consagração pastoril no estábulo de Belém.

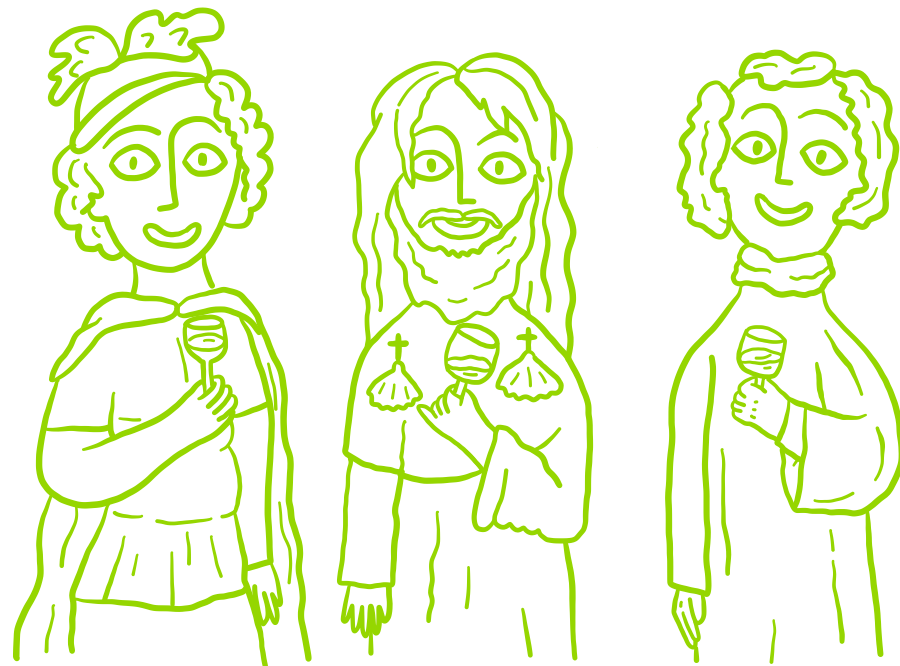
O verbo, vindo das entranhas martirizadas, faz-se alma redentora.

A uva teve o seu parto. Do seu seio dolorido saiu o vinho generoso, que em breve, transfigurado, subirá ao ventre das cubas, seguirá na derrota do pego, convertendo à sua fé a rebeldia do gentio. Por isso as vozes cantam, a música estruge, a alegria reflui.

O que o gentio não calcula, ao saborear um

cálice de Porto, de louro ou rubro *Port-Wine*, em que tão amavelmente se fundem cor, aroma e gosto, é o esforço, a luta, a energia dos levitas do ritual vinícola, e dos seus acólitos, e dos seus ajudantes, para que a videira medre, para que a uva sazone, para que o vinho clarifique. Aquela cor não é só âmbar embebido de sol – é também suor e mortificação. Aquele aroma não é apenas essência virginal de flor – é simultaneamente cuidado e devoção. Aquele gosto não é somente o sabor dos néctares fabricados pelos deuses – é ao mesmo tempo o fel dos mortais que os colhem e os aproveitam.

[...]



CRISTO-BÁQUICO

Natália Correia

(1923 - 1993)

[Ao Martins Correia]

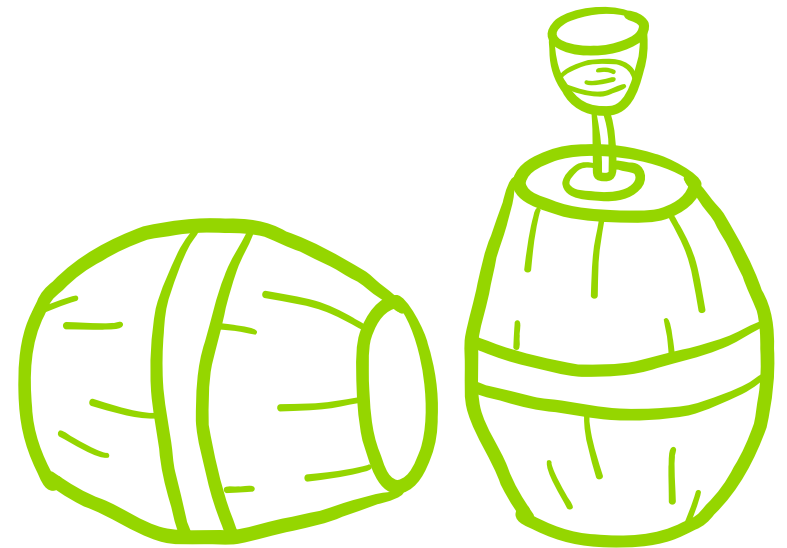
Nasceu na terra como as fontes
misturado com os animais
que irreprimíveis pelos nomes
se dão nas luas casuais.

Do bicho à boca
da boca à fome
dos animais que os bichos comem,
subiu mais alto. Até ao homem
com fome e sede no seu caminho.
E ele era o pão. E ele era o vinho.
Porque era a taça servindo o sangue
que lhe batia no coração.

Da sua carne brotou
em flor Maria Madalena
e amando-a nela se mostrou
ele mesmo em beleza de fêmea.

A impiedade o esmagou
com o peso da divindade;
Preço que aos vendilhões pagou
para ser príncipe de outra verdade.

Os espinhos da rosa mais nocturna
em seu corpo de lírio se cravaram.
E os dedos da estrela mais soturna
a fronte pura lhe enodoaram.
Mas espinhos e dedos perfumou
com o cheiro que da terra trazia
porque na carne crucificada
era Diónisos que ria.



Renato Filipe Cardoso
(n.1971)

o homem caiu ao lagar. morreu.
fazia sozinho a pisa
velho maço de madeira pesando nas mãos
pés congeminando sobre tábuas
ofício de chão periclitante
nunca se deve fazê-lo sítios há
não podemos pisar sozinhos na vida
não me deixaram ver o cadáver
a notícia manteve fermentação na aldeia
até que os vapores desapareceram
proibiram-me ver o cadáver e por isso
guardo em mim a imagem do homem
morto até hoje, e depois
tudo retomou o vício costumeiro
a morte voltou aos sítios onde sempre estive
arrumada nas malgas e nos copos
à espera de vinho novo

ÁLCOOL

Margarida Vale de Gato
(n.1973)

Fresco e útil toldo que ao mundo
luz subtrai, fecho do feixe que ateia
a célere imagem eclipsa a ideia
desconjunta, aquém, díspar do fundo

e da frequência alta que distende
disso que vibra lá e à vista de outros
é ínfimo, assoma fero monstro
monstro belo, qual que seja, te rende

te expulsa de proporção invulgar
incomensurável, por mais que ínfima
é grande afronta ao infinito. Assíncrono

transmuda o corpo, desacerta o mar
em livro tinto e lava da Ilíada
oh pouisa douda nau, coral, sono.

A LUA ALUMIA MAS NÃO AQUECE

Rafaela Jacinto

(n.1994)

Pode ser que tudo isto seja mentira, pode ser que tudo isto seja verdade.

No escuro, as candeias da rua iluminam a chuva molha-parvos que nem sempre enxergamos, o vento ajuda e somos surpreendidos por um enxame de orvalho frio e cortante. A luz ilumina então o que sempre lá esteve e o que parece óbvio aos olhos de quem leu o boletim meteorológico.

Se a luz ilumina e se Deus é um Deus ausente, se os ateus negam a sua existência, partimos da lógica que Deus existe para ser negado. Se Deus existe, é negado através da sua ausência e a luz ilumina, então, estamos perante uma fogueira laranja cor de candeia numa noite de inverno e o homem que caiu dentro do poço, foi senão um infeliz à procura de água viva num dia de calor ou um incrédulo perante as obras divinas de maior ousadia.

Reza este conto que num insuportável dia de calor, Esquim da Viúva e Seca Pipas partiram para um passeio nas vinhas e vinhedos do Vale do Sousa, com o objectivo último de pousar os cascos à sombra de uma latada. Num futuro não muito distante, a poucos quilómetros de um trilho amistoso, era noite de lua cheia. Como de costume, a reunião mensal de bruxas começava à meia-noite, e à meia-noite, sem tirar nem pôr minuto, lambuzavam-se de manteiga de amendoim para ficarem gordas e desejáveis aos

olhos de Satã. Zé da Adega e Manel Esponjas, ali a dois passos do *meeting* faziam apostas sobre se a lenda do lobisomem seria ou não um embuste, concordando contornar aquele cerco maldito de bruxas com candeias ao umbigo, para arriscar oferecer um copo ao dito homem-lobo.

– Ó vizinho! Venha daí!

O paquiderme barbudo desceu pelo lado contrário da adega, evitando os piropos do mulherio aluado e cumprimentando o Zé e o Manel, sentou-se num escabelo forrado a veludo vermelho.

– Ora beba, homem!

O casal de amigos começou a empatar o barbas, reparando agora nas suas enormes unhas... Um lobo ungulado? Afiara as gânfias antes de entrar na adega? Vai mais um copo, e outro, e fazendo-se tarde fecharam a adega sem o pobre cativo se aperceber, escondendo a chave atrás da pipa – Zé da Adega, funcionário da mesma, olhou para o relógio empoeirado por cima da escrivanhinha do patrão e conseqüentemente para o retrato do Professor Doutor António de Oliveira Salazar e distraído pelo asco ou pelo uivo, mandou um salto para trás e esbugalhou os olhos. Barris, garrafões, pipas, tudo revirado, de pantanas, chão fora... O barbudo era afinal de contas um lobisomem... Manel Esponjas incrédulo, apressou-se a apanhar a chave para libertar a criatura medonha que se havia transformado em segundos a seus olhos. Lobisomem de seu nome, percorreu quantas vinhas conseguiu e tomado pelo cansaço deixou-se adormecer, desidratado.

– Vossemecê deve achar que eu sou parvo... (reclamava o Esquim da Viúva com o seu charrinho nos queixos). Então, anda a gente aqui às voltas... (vinho nem vê-lo, queria ele dizer). Se eu fosse uma rotunda para vossemecê me dar a volta... mas não sou!

A impaciência de Esquim tomava por completo aquele passeio, o que ele não sabia era que Seca Pipas estava convencidíssimo que tinha colocado o garrafão dentro do poço para refrescar a pinga e agora não se lembrava do paradeiro do poço.

– Chavalão, deixa-te lá dos vossemecês, aproveita as vistas, não é todos os dias que a gente finta o patrão.

A luz ilumina então o que sempre lá estive e o que parece óbvio aos olhos de quem leu o boletim meteorológico.

– Mano, escorreguei no musgo dos tijóis! O balde virou e o garrafão está a vaziar!

O Seca estava tão desolado com aquele derrame, que desatou a beber do poço a fim de conseguir aquilo a que se propôs: roubar o patrão e tirar proveito disso.

– *Robin Hood!* Vem lá bicho!

E antes que o Esquim conseguisse tirar o amigo de dentro do poço que nem Camões a tirar os Lusíadas do rio *Mecom*, um enorme bicho peludo dá-lhe uma lapada colossal estendendo-o num monte de esterco. A roldana remoinhou, rodopiou, girou tanto que saltou fora deixando

Seca sem saída. Olhavam-se agora os dois, Seca Pipas (ou Seca Poços) fitava o dócil lobisomem encolhendo os ombros à falta de água para a sua sede, o motivo pelo qual saltou para ali e para dentro. Seria tudo fruto da embriaguez? Ou ainda, de misturas malfadadas, de um cerco embruxado? Lembrando-se das palavras da sua Santa Mãezinha... “Nunca mistures água com vinho!” – Seca ofereceu o possível àquela criatura de Deus, um abraço.

– Ah, malvado, não voltarás a roubar!



A PALAVRA NO CO(R)PO

Yara Nakahanda Monteiro
(n.1979)

Na curva do equinócio de verão, Plínio e Baudelaire,
puxam-me pelos pés.
Tiram-me da cama.
Tempo da
apanha da
palavra.

Assento chapéu de palha,
na cabeça,
calço botas,
levo bloco de notas,
Caneta! Não te esqueças

Pelo torpor da cálida alvorada,
sigo desnuda.
Velho e poeta
alegres, embriagados
cantarolando desafinados.
O que de mim vem ou do outro?
Bela ajuda.

Tempo de escrita.
Fazer brotar a fertilidade pujante
encerrada nos bagos,
na fruta da videira.
Subir pela trepadeira.
Passo a passo
do sonho verdejante
à vida.

Que graças e louvores me trarão vindimar palavras?
Uma a uma serão colhidas.

Ai de mim!

Ai de mim, não buscar os milagres da arte do mosto.

Ai de mim!

Ai de mim, deixar aqui
adormecer este escrito.
Perder a noite pagã,
a Bago não me abraçar.

Quem sabe não serei eu flor do vinhedo,
timidamente
alegando os vales
dos rios a noroeste.

Não tivessem Tâmega, Douro, Sousa margens,
mais eu me errasse
mais eu me sentisse
verde verdade
da videira.
No palco da folha branca,
da uva,
nascem outras coisas.
Depuro sentimento
delico-doce.
Troco uvas por vinho
Vinho por palavras.
Palavras pela verdade.

“Tira a mão do caldo de letras.”
Por ninguém pode o cálice ser tocado.
A ti, como a mim –
– com muita razão –

a cada gole de vinho verde
atrai-nos plantar os afetos em terra de ficção.

Íris assobia.
Desperto
Morfeu abraço
do outro lado
Sou vinha.

Bacanal de palavras:
são largas, redondas,
são estreitas, finas,
são tortas, direitas.
Amontoadas, prensadas,
acariciam-se umas às outras,
Traço único imaturo do pico frisante.

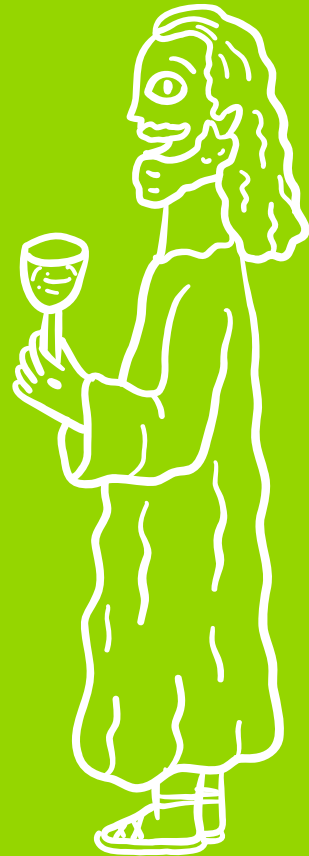
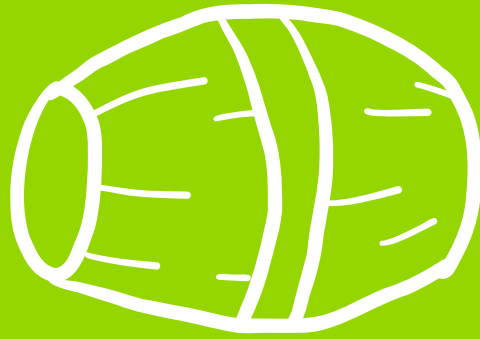
Pelo canto do olho, vejo outras que surgem
a tinta verde,
esperança.

E ainda...
quão suave e aberto é o meu espírito quando mudo
Não é o vinho.
Nada a obstar.
Nas frases (des)encadeadas deste coração
recai por mil vezes em sua voz rorante.
Nada a obstar.
O mundo está
chato, asséptico.
Furta-se a profanas felicidades.

Sabem?
Da escrita nasce outra coisa
Fermentam-se as palavras
chega-se ao celestial e misterioso manifesto:

Do bom vinho nasce poesia.







VER DO BAGO

Ciclo de Exposições

Ver do Bago. Um brinde entre Deus e os Homens celebrou a relação material e simbólica entre a vinha e a paisagem cultural e humana dos vales do Sousa, Douro e Tâmega, num ciclo de três exposições promovidas pela Rota do Românico, entre 13 de maio de 2021 e 26 de junho de 2022.

Em *Ver do Bago nos Mosteiros*, no Mosteiro de Santo André de Ancede, em Baião, pudemos compreender a produção e o comércio do vinho verde pelas ordens monásticas como um dos mais agregadores elementos culturais e etnográficos. Ao longo de vários séculos, o Mosteiro desfrutou de uma produção vinícola diversificada, sendo uma parte dela exportada para o Norte da Europa. Algumas das obras de arte sacra expostas foram adquiridas no contexto dessas relações comerciais e financiadas pela produção do vinho.

O primeiro momento deste ciclo englobou ainda extensões no NorteShopping, em Matosinhos, e no GaiaShopping, em Vila Nova de Gaia, onde o visitante foi convidado a participar em experiências interativas imersivas e a descobrir a ancestral relação entre o vinho e a arte no território da Rota do Românico. A peça central desta exposição foi “O Códice”, um livro de grandes dimensões com *video mapping* interativo, sendo que os mais novos puderam também desfrutar de atuações do Som do Algodão programadas para os dois locais.

Ver do Bago nos Santos, na Igreja de Santo António dos Capuchos, em Penafiel, conduziu-nos numa viagem pelas manifestações culturais e artísticas

do culto aos santos do ciclo do vinho para compreender de que forma a sua produção e o consumo estão relacionados com a identidade e as celebrações deste território. O culto aos santos próprios de cada período temporal relacionado com o ciclo da vitivinicultura – São Vicente, na época das podas e enxertias, São Tiago, durante o amadurecimento das uvas, e São Martinho, por alturas do vinho novo – está não apenas consagrado na liturgia mas também enraizado nos costumes, rituais e festividades da região.

Chegámos, finalmente, à exposição *Ver do Bago no Sangue*, no Centro de Interpretação do Românico, Lousada, em que compreendemos as manifestações desta relação intrínseca entre o vinho e as atividades litúrgicas, a partir das suas representações e alegorias no texto bíblico. A importância da cultura da vinha e do consumo do vinho na vida cultural, social e económica do território manifesta-se também na multiplicidade e diversidade de objetos utilizados nas celebrações religiosas, assim como nos seus elementos decorativos. Os objetos artísticos são uma materialização do vinho, que, por sua vez, consiste numa representação de Cristo no plano simbólico.

Em torno deste ciclo de exposições, foram também programados eventos destinados ao público adulto e infantil nos municípios pertencentes ao Sousa, Douro e Tâmega.

O Som do Algodão levou o espetáculo “Inventar-se de Gente” – um itinerário sonoro e performativo que uniu os contos de Agustina Bessa-Luís, a poesia de Daniel Faria e o imaginário das obras de Nuno Higinio à tradição oral do território da Rota do Românico – a Celorico de Basto, Amarante,

Paços de Ferreira, Marco de Canaveses, Felgueiras, Paredes, Cinfães, Resende e Castelo de Paiva.

Amarante acolheu também uma *performance* artística original que combinou as técnicas de instalação, dança, música e o *site-specific* numa homenagem à arte sacra, ao vinho e à paisagem. A *Di’Vine* foi uma criação de Paulina Almeida, Mariana Sevilla Matos e Ron van Roosmalen, numa produção da *Improvise and Organize* – Associação Cultural.

No Parque da Torre de Vilar, em Lousada, o Festival Ver do Bago celebrou a música, a dança, o teatro e a poesia num evento de entrada livre e com animação permanente com DJ, gastronomia, oficinas para os mais novos e uma ampla área verde de lazer, além do programa diverso em que se destacou a atuação das Contilheiras, com “Pimenta na Boca”.

Para assinalar o encerramento da programação artística do projeto *Ver do Bago*, as vozes das dez mulheres que compõem o grupo Sopa de Pedra preencheram a Torre dos Alcoforados, em Lordelo, Paredes, com interpretações *a capella* de arranjos originais da música popular portuguesa.

TÍTULO

Verso do Bago. Prova do Vinho na Literatura: uma seleção

PROMOTOR

Rota do Românico

COORDENAÇÃO GERAL

Luís Monteiro

REVISÃO DA EDIÇÃO

António Coelho

CONCEITO, COORDENAÇÃO, DESIGN E IMPRESSÃO

Bairro dos Livros

Catarina Rocha, Cláudia Correia, Isabel Costa, Minês Castanheira

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Paulo Brás e Bairro dos Livros

PREFÁCIO

Mário Cláudio

ILUSTRAÇÃO

Clara Não

AGRADECIMENTOS

André Neves

António Pedro Ribeiro

Gisela Casimiro

Manuella Bezerra de Melo

Margarida Vale de Gato

Rafaela Jacinto

Renato Filipe Cardoso

Yara Nakahanda Monteiro

Os textos que integram esta edição respeitam a grafia adotada por cada autor.
Os textos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

TIRAGEM

700

DATA DE EDIÇÃO

1.ª Edição | Dezembro, 2022

ISBN

978-989-53883-0-1

DEPÓSITO LEGAL

502850/22

COFINANCIAMENTO

NORTE2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

VERSO DO BAGO

PROVA DA LITERATURA NO VINHO: UMA SELEÇÃO

O Verso do Bago, talvez como o próprio vinho, quer embriagá-los, desorientá-los, tirar-lhes o chão. E tudo isto numa breve antologia de leitura acessível e que poderia muito bem, tal como as estações e o ciclo de cultivo da uva, sofrer um processo de constante atualização, como prova a pequena seleção de inéditos de autoria contemporânea. Que nos sirva para celebrarmos esse passado, bebermos a nossa cultura e continuarmos a cantá-la em novos versos – sem bago não há futuro.

